

I CONCURSO LITERÁRIO “MARIA FIRMINA DOS REIS”

ANTOLOGIA DE TEXTOS
PREMIADOS

Poemas - Contos - Crônicas



**I CONCURSO LITERÁRIO
“MARIA FIRMINA DOS REIS”**

**ANTOLOGIA DE TEXTOS PREMIADOS
POEMAS – CONTOS - CRÔNICAS**

São Luís
2021

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO MARANHÃO

Presidente

Desembargador Lourival de Jesus Serejo Sousa

Vice-Presidente

Desembargador Vicente de Paula Castro

Corregedor Geral de Justiça

Desembargador Paulo Sérgio Velten Pereira

**COORDENADORIA ESTADUAL DA MULHER EM SITUAÇÃO
DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR/TJMA**

Presidente da Coordenadoria

Desembargador Cleones Carvalho Cunha

Juíza Assessora

Lidiane Melo de Sousa

Juiz Assessor

Júlio César Lima Praseres

Coordenador (a) Administrativo (a)

Danyelle Bitencourt Athayde Ribeiro

Arthur Darub Alves

EQUIPE TÉCNICA - CEMULHER/TJMA

Analista Judiciária - Assistente Social

Josemary Andrade de Almeida

Analistas Judiciárias - Psicólogas

Ericka Janne Silva Nascimento

Edla Maria Batista Ferreira

Analista Judiciária - Direito

Amanda Dourado Rolim Sampaio

Técnico Judiciário

Francisco Júlio Gomes

Assistente de Informação

Vitória Azevedo de Barros Sousa

Assessor Especial de Conciliação

Plynio Monteles Silva

Estagiários

Caroline Jardim Mordentte

Natanielly de Castro Silva

Thales Soares Pinheiro

Vanessa de Fátima de Souza Pereira

COMISSÃO JULGADORA
I Concurso Literário “Maria Firmina dos Reis”

Desembargador
Cleones Carvalho Cunha

Juíza de Direito
Lidiane Melo de Sousa

Membro da Academia Ludovicense de Letras -ALL
Dilercy Aragão Adler

Revisão ortográfica
Adeilson de Abreu Marques
Analista Judiciário –Licenciado em Letras

Assessoria Editorial
Joseane Cantanhede dos Santos CRB 13/493
Manoelle Moraes dos Santos CRB 13/921

Designer e Diagramação
Carlos Eduardo Sales Alves
Assessoria de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (TJMA)

Capa
Remy Cutrim
Assessoria de Comunicação do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão (TJMA)

As publicações **Edições Esmam** estão disponíveis para download gratuito no formato PDF.

C744

Concurso Literário Maria Firmina dos Reis – Antologia de textos premiados: poemas, contos e crônicas / Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Maranhão. - São Luís: ESMAM, 2021.
111 p.

Recurso digital
Vários Autores.
ISBN: 978-65-993764-5-0 (digital)

1. Literatura brasileira. 2. Antologia. 3. Poesia . 4. Conto. 5. Crônica. I. Título.

CDD B869.1
CDU 821.134.3(81)

Elaborada por Manoelle Moraes dos Santos CRB13/493

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos,
desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



Homenageada

O Concurso Literário “**Maria Firmina dos Reis**” foi denominado em homenagem à escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista negra do Brasil. Maria Firmina também foi professora, musicista e a criadora da primeira escola mista brasileira.

Nascida em São Luís/MA, em 11 de março de 1822 – data que hoje é considerada o Dia da Mulher Maranhense em sua homenagem -, a escritora é autora da obra “Úrsula” (1859), primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina e primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa. Também é autora de “Gupeva” (1861) e “A escrava” (1887), entre outras obras.



“Maria Firmina”

Ilustração do Designer maranhense Wal Paixão, resultado de uma pesquisa sobre as características físicas de Maria Firmina dos Reis. O direito de uso da imagem foi cedido ao Poder Judiciário Maranhense.

*E a liberdade, - oh! poeta, - canta,
Que fora o mundo a continuar nas trevas?
Sem ela as letras não teriam vida,
Menos seriam que no chão as relvas:
Toma por timbre liberdade, e glória,
Teu nome um dia viverá na história.*

MARIA FIRMINA DOS REIS

APRESENTAÇÃO

“A literatura é aquela que estilhaça o tempo fechado. Isto é, o tempo recluso no instante, no momento. A literatura nos coloca em outros lugares, em outros tempos, em outras pessoas. Nós vivemos na literatura aquilo que é a multiplicidade da vida.”

Mário Sérgio Cortella, escritor e filósofo

A Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão, órgão instituído pela Resolução GP-TJMA nº 302011, sente-se honrada em publicar esta obra, que contém produções literárias selecionadas no I Concurso Literário “Maria Firmina dos Reis”, realizado no segundo semestre de 2021, em parceria com a Escola Superior de Magistratura do Maranhão – ESMAM, a Academia Maranhense de Letras - AML e a Academia Ludovicense de Letras – ALL.

Constitui-se essa Coordenadoria em órgão permanente de assessoria da Presidência do TJMA, com a atribuição essencial de promover ações constantes para conscientização sobre o estrutural, cruel e complexo fenômeno da violência doméstica e familiar baseada no gênero, que segue vitimando, em suas mais diversas expressões (física, psicológica, patrimonial, sexual e moral), milhares de meninas e mulheres diariamente, tanto que o Brasil ocupa o 5º lugar no *ranking* mundial de feminicídio, segundo a Or-

ganização Mundial da Saúde (OMS). Assim, a compreensão e o combate dessa temática demandam análises de fatores sociais, políticos, econômicos e históricos, constituindo-se em questão das mais urgentes e intrínsecas a todos nós.

Nesse contexto, iniciativa como a do Concurso Literário “Maria Firmina dos Reis” revela-se de considerável relevância e impacto, vez que estimula a discussão do tema nos mais diversos meios: nas escolas, ambientes de trabalho, no seio das famílias, em todo o Estado, já que as inscrições foram destinadas a escritores, adolescentes e adultos, residentes e/ou domiciliados no Maranhão, quer fossem profissionais ou não.

Com efeito, é imprescindível destacar a abrangência do concurso, ressaltando-se no mesmo passo que a literatura representa forma de libertação dos seres humanos, vez que lhes desperta a imaginação, amplia o vocabulário, permite visão mais democrática e diversa de mundo, aguçando sentimentos como fraternidade e empatia. Jorge Luís Borges ensinava: “O livro é uma extensão da memória e da imaginação.”

É comovente e profícuo testemunhar que meninas, nas escolas públicas, por exemplo, desde cedo, discutam e tomem posição sobre a violência doméstica e familiar contra a mulher baseada no gênero, que elaborem tais ideias e multipliquem via poemas, crônicas ou contos, e que esses textos, a partir de agora na rede mundial de computadores num *e-book*, influenciem mais e mais na formação crítica de outras garotas acerca do tema. Além delas, que toda a sociedade de modo geral trate as mulheres com a dignidade que merecem, consciente de que a violência de gênero constitui grave violação aos direitos humanos das mulheres.

A escolha da escritora Maria Firmina dos Reis para nomear o aludido Concurso Literário promovido pela CEMULHER/TJMA justifica-se tanto pelas ações quanto pela própria história de Firmina, que rompeu barreiras impensáveis em sua época para as mulheres. Negra, filha de mãe branca e pai negro, foi a primeira mulher a ser aprovada num concurso público no Estado do Maranhão para o cargo de professora primária, passando a se sustentar com o próprio salário, destoando dos padrões esperados para as moças de seu tempo, sendo, inclusive, mal vista por tamanha independência.

Demais disso, Firmina decidiu fundar a primeira escola mista, para meninas e meninos, no povoado de Maçaricó, município de Guimarães no Maranhão, iniciativa causadora de um grande impacto no local, tendo que fechar as portas com apenas 3 (três) anos de funcionamento. Graças ao prestígio como professora, iniciou a carreira de escritora, lançando seu primeiro romance, em 11 de agosto de 1860, com conteúdo fortemente antiescravagista, posto que colocava os negros em destaque, mostrando a história sob a perspectiva desses personagens.

Destarte, recordar o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis é igualmente rememorar os percalços que toda mulher que fala por si e participa da vida de sua comunidade enfrenta dia após dia. Como Firmina, muitas ainda hoje defrontam-se com os mais diversos obstáculos pelo simples fato de existirem numa sociedade ainda machista e patriarcal.

Infelizmente, inúmeras mulheres são silenciadas, muitas vezes em definitivo pelo feminicídio. Em nosso país e mundo afora, ainda perpetua-se a violência de gênero, mais frequentemente concre-

tizada no interior dos lares, nos ambientes domésticos, nas relações familiares e íntimas de afeto, constituindo-se em violência doméstica e familiar contra a mulher em decorrência do gênero, conforme definido pela Lei Maria da Penha.

Pelas mulheres, caladas para sempre, e por todas aquelas vitimadas em alguma medida, é que se publica a presente obra, com votos renovados de esperança, no intuito de fortificar o incessante combate de todos nós a este tipo de violência, que não pode e nem deve ser mais tolerada!

DESEMBARGADOR CLEONES CARVALHO CUNHA

Presidente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão

PREFÁCIO

Costumava dizer que a força de uma mulher vem da sua ancestralidade, das raízes plantadas e nutridas pelas que vieram antes de nós. Tantas Marias, Socorros, Felipas, Amélias, Fátimas, Rosas, Terezas e Firminas iniciaram nossas histórias, muitas sofridas, poucas lembradas, algumas interrompidas e quase nenhuma exaltada, pelo simples fato de serem mulheres, como eu, como você.

Tantas mulheres vivendo em constante guerra social para que não fosse limitada nossa existência. Quantas vozes caladas, quantos gritos contidos, quanta fome de igualdade, a garra de muitas sendo passadas como herança de geração em geração fazendo história a cada direito reconhecido.

Dentre essas tantas mulheres, Firmina é um nome forte que a sonoridade traz de maneira clara a “firmeza” contida na sua escrita. Esse nome que, aos 7 anos, meu pai José Ribamar Sousa do Reis, (saudoso) escritor, historiador e um apaixonado pela cultura popular maranhense, me fez entender o peso que ele teria em minha vida.

O nome da escritora que foi homenageada neste EBOOK (livro eletrônico), publicado pela CEMULHER/TJMA em parceria com a ESMAM e AML, não poderia ter melhor título partindo da premissa que Maria Firmina foi pioneira no empoderamento feminino e na luta pela igualdade de classe, gênero e raça, feito isso em mea-

dos do século 19 e início do século 20, em uma sociedade que era predominantemente dominada por homens, que tinha a mulher submissa e sem fala.

Poetisa, contista, compositora, folclorista. Um ponto fora da curva da representação da mulher e do negro na prosa brasileira, ela também foi esquecida por décadas, pois a escritora esteve à frente do seu tempo e levantou a bandeira de um dos temas mais polêmicos da época que era a escravidão, com isso sofreu por anos a fio pela obscuridade de suas obras e não reconhecimento. Maria Firmina foi autodidata, com esforço próprio conseguiu romper a cadeia da exclusão das mulheres no mundo das letras. Todos os acontecimentos produziram uma das maiores guerreiras abolicionistas, tanto que assim foi, pois o hino da abolição da escravatura do Brasil é nada menos, nada mais de autoria de Maria Firmina dos Reis.

Mulher, negra e bastarda precisava ser despretenso-sa de rótulos, tomando o título de “UMA MARANHENSE” como assinou em seu livro *Úrsula*, e em seus inúmeros trabalhos, contos e até mesmo produções textuais para jornais da época, escritora, sim, mas com apenas suas iniciais M.F.R. Firmina Reis foi comparada a Castro Alves na escrita da obra *Navio Negreiro*, porém este tinha uma visão externa, escritor branco que “via do convés” e Maria Firmina descreveu no romance *Úrsula* os maus tratos sofridos dentro de um navio negreiro sem esconder nada pela censura social.

Nas linhas traçadas dos contos, poesias e crônicas deste e-book, todos os autores têm a sutileza poética, lúdica e até de romancista (romântica) trazida na escrita de Firmina ao retratar uma triste realidade sofrida por tantas mulheres, que assim como minha ancestral deu voz a muitos gritos silenciados de mulheres negras que sofreram, não somente pela violência doméstica mas por ver uma mulher ser menosprezada como inferior a um homem.

Os parágrafos deste livro eletrônico vão se confundindo com

estatísticas. Mulheres que deixam de ser nomes e passam a ser números, não podemos afirmar quão verídico são as linhas que nos envolveram no decorrer de cada capítulo, mas de certo que já ouvimos e sentimos muitas “Marias” sangrando de amor.

Deixo aqui minha gratidão em poder escrever humildes tais linhas, mas com a certeza que Firmina fez ecoar a voz de muitas MARIAS através de sua escrita, e mostrou que nós, mulheres, somos a resistência e essência de uma sociedade desigual que tenta nos calar, mas nossas ancestrais nos deixaram a coragem de renascer.

MARIA FIRMINA DOS REIS

Advogada, ligada à família da escritora Maria Firmina

SUMÁRIO

AUTORES <i>adolescentes</i>	16
--	----

POEMAS

1º lugar

Um dia - <i>Júlia de Jesus Costa e Costa</i>	18
---	----

2º lugar

Trajatória - <i>Débora Lima de Macedo Moura</i>	20
--	----

3º lugar

Ela - <i>Estela Maria Dias Campos</i>	22
--	----

CONTOS

1º lugar

Memórias Scarlet's - <i>Júlia de Jesus Costa e Costa</i>	24
---	----

2º lugar

As paredes cantavam - <i>Nayana Ferreira Silva</i>	29
---	----

3º lugar

O nosso encorajar - <i>Kailanny Mirelle do Desterro Silva</i>	37
--	----

CRÔNICAS

1º lugar

O mundo é um recomeço - <i>Thaís Soeiro Luz</i>	42
--	----

2º lugar

Afições - <i>Mírya Alexandrina Silva Facuri</i>	49
--	----

3º lugar

Eu te amo - <i>Nayana Ferreira Silva</i>	51
---	----

AUTORES *adultos*53

POEMAS

1º lugar

Existencial - *Pedro Oliveira Dutra Neto*55

2º lugar

Apelo - *Luís Felipe Costa Cruz*59

3º lugar

Da Maria do Desterro - *André Luiz Bentes Ferreira da Cruz* ...62

CONTOS

1º lugar

Efeito Colateral – *Carlos Sebastião Silva Nina*66

2º lugar

Soledad – *Nize Maria Moreira dos Reis*75

3º lugar

Apenas mais uma mulher do campo - *Érika Ribamar
Madeira Furtado*.....81

CRÔNICAS

Comigo é no muque - *Luís Felipe Costa Cruz*89

Tutorial de Confissões - *Carla Sílvia Souza da Rocha*93

Maria Firmina em nossos dias - *José Augusto do
Nascimento Filho*98

SOBRE O AUTORES101

SOBRE A COMISSÃO JULGADORA109

AUTORES
adolescentes

POEMAS

POEMAS

1º LUGAR

UM DIA

Júlia de Jesus Costa e Costa

Um dia, a acidez das palavras permeou um Eu
Balbuciou, em certo tom de sagacidade,
sobre a hostil arte de produzir relicários sangrentos.

Um dia, os pássaros encarcerados nos limites que fugiam dos seus
anseios,
já não mais ecoaram doces melodias da aurora.
Bradavam pelo direito de voar, na pouca sensação de deleite
que lhes era permitida.
Os detalhes da gaiola eram um sutil conjunto dos mais corpulentos
algozes.

Um dia, os lírios dos campos foram apenas um, em regiões distintas.
Suas cores diversificavam o paisagismo em meio à grama verde,
mas o conto emitido não acompanhava a compleição de suas
venustidades.
Os enredos das flores portavam o mais atroz dos perigos solares.

Um dia, o amor ganhou forma e definição social,
mas perdeu-se no comum dos dias fraudulados pela insensatez das
ações.
A racionalidade foi facilmente substituída pelo ímpeto das emoções
negativas.
As borboletas no estômago abriram espaço para inquietação
perante os desbrios futuros.

Um dia, o céu expôs todos os seus cárceres emocionais em forma de
chuva.
Juntamente às águas, tempestades e trovões desenhavam o

desastroso caos num azul cinzento, incerto demais para determinar
o fim da sua dor

As plantações, que tanto necessitam da umidade,
afogaram-se num sofrimento contido.

Um dia, as escoriações retrataram a realidade

Um dia, o leitor já não viu

o Eu, os pássaros, os lírios, o amor e o céu.

Viu a mulher.

Um dia, o espectador envolveu-se na temática.

Abriu os olhos para além do que lhe foi dado;

já não via somente, a gaiola, a insensatez das ações e a chuva...

Viam opressores e seus impactos na alma.

2º LUGAR

TRAJETÓRIA

Débora Lima de Macedo Moura

Uma a cada dois minutos, dois minutos
Setecentas e vinte por dia
Todas agredidas por quem já nutriram amor, afeto, carinho...
Dormiam sob o mesmo teto, compartilhavam a mesma alegria
Até que o tempo foi passando, mas o conto de fadas era só fantasia
Pai, tio, namorado, irmão: todos farinha do mesmo saco
Todos a mim levantaram a mão;
Com os punhos cerrados, sangue jorrado, eu era tratada pior que...
Quem além das mulheres, das meninas: é tão humilhada, lesionada,
forçada, xingada, furtada; culpada ?!
Porque é assim: se sofremos é porque merecemos sofrer, porque nós
erramos, e apenas nós.

Uma a cada dois minutos, dois minutos
A coisa toda começa bem devagar
Para quando for crescendo a gente não consegue notar
“Esse teu short tá muito curto!”, “Na casa é o homem que deve
mandar!”, “Você está fazendo errado, deixa eu AJUDAR.”

Uma a cada dois minutos, dois minutos
Mas por quê? Por que a justiça não existe pra nós?
Se, de alguma forma totalmente sobrenatural, encontrarmos forças.
Esperança, ou do que você quiser chamar,
Dentro de nós para denunciar, discar 180, ou pedir para alguém nos
ajudar,
Se de alguma forma totalmente forte conseguirmos chegar até o
tribunal,
Que tipo de perguntas receberemos afinal?
Bem, continua aqui comigo que irei contar

“Que roupa você estava usando?”, “Mas, foi você quem provocou, né?”,

“Você deve estar louca!”, “Foi estupro culposo!”

Não basta tudo pelo que passei, todos os anos de tortura,
Não basta eu estar morta por dentro, chorar todas as noites até dormir?!

Não é o suficiente eu ter sido forçada a abortar,
Ter medo de sair na rua mesmo durante o dia,
Não ter fonte de renda ou apoio familiar?

Vocês precisam de mais?

A sociedade patriarcal, coberta por um machismo descomunal,
Deixou meu caso de lado, jogando no fundo da gaveta, arquivado
Hoje eu sou a vadia louca e ele um coitado inocente... INOCENTE!
Quantas vadias você já julgou, quantos coitados já acobertou?
Naquele mesmo dia em que saí do tribunal, devastada e derrotada,
Senti mais uma vez o peso de ser marginalizada.

Durante a madrugada, uma sensação de quente e frio tomava meu corpo

O coração batia a mil

A cama parecia molhada

Um odor forte e ágil preencheu meus pulmões, parecia ferro;

Porém a respiração falhava

Era como se todo o oxigênio do mundo tivesse sido roubado

Assim como minha vida; reconheci o cheiro: era sangue.

Sozinha e esquecida pelo sistema de uma sociedade sádica e injusta,

Sou uma das quatro que morreram hoje no Brasil.

Causa: ser mulher.

3º LUGAR

ELA

Estela Maria Dias Campos

Ela estava em casa,
Em seu corpo havia marcas, traumas, angústia,
Ela sentia dor,
Ele era o causador,
Não havia sentido...

Ela estava sufocada,
Em sua mente havia marcas, traumas, angústia,
Ela sentia dor,
Ele era o causador,
Não havia sentido...

Não havia motivos,
Nunca haverá motivos
Não havia justificativa,
Nunca haverá justificativa.

Ela sentia dor,
Ele era o causador,
E nada faz sentido!

CONTOS

CONTOS

1º LUGAR

MEMÓRIAS SCARLET'S

Júlia de Jesus Costa e Costa

A aurora erguia-se majestosa, desmanchando-se no céu úmido da manhã. As vidraças do meu quarto brincavam com os vívidos raios do sol. As cobertas me recobriam o corpo. Ao lado de minha cama, Liz repousava docemente, com a ternura de um anjo. Sua pele era alva e quente, como a luz dos astros, mas sua alma contemplava a gélida neve do inverno. Os leves tecidos de suas vestimentas escondiam os tons distintos à cor de sua pele. Era um conto ainda não contado, cochilando no despertar do dia.

Elizabeth... - ou Liz, como a chamo carinhosamente- Mamãe costumava contar histórias sobre esse nome... Mediante o mais fraterno olhar e a mais doce entonação, cantarolava sobre a força e a pureza do nome que deu ao seu pequeno anjo. De fato, Liz é a mais aguçada palavra, mas também é a mais terna poesia, ainda que esteja apenas em sua juventude. Apenas quinze anos de vida, mas mil anos de lástima.

A sensação de fraquejo permeava meus nervos e soltava notas extremamente agudas em minha mente. Era a perturbação ideal para guiar meus próximos passos. No ato corriqueiro da manhã, estendiam-se os afazeres. Como o homem que eu deveria ser, as intelectuais funções me cabiam. Peguei a estrada e coloquei-me rumo à escola. Contudo, o ser agonizava ao mergulhar na possibilidade de deixar minha pequena Liz sob os cuidados de meu pai; ainda que fosse o meu pai...

Enquanto andava para a escola, o passado-presente e o passado-passado da época, que agora narro, invadiram minha mente:

Veza ou outra, um espetáculo estrondoso desmanchava-se no ce-

nário do meu lar. Os gritos profanados e as súplicas balbuciadas por minha irmã reverenciavam-se às ácidas agressões da figura a qual alguns chamam de “paterna”. Os anos se passaram e as estações mudaram, exceto a estação da minha vida: contornava alguns sorrisos, meus e de Liz, e retornava ao caos contínuo que o destino deu de presente à nossa juventude. Eu mergulhava na incessante covardia e Elizabeth afogava-se em escolhas vastamente restritas ao seu querer.

Talvez, em incertos devaneios, eu amasse o meu pai. Ele sentava-se na varanda, sempre ao findar da tarde, a fumaça, que de sua boca saía, estorvava meus pulmões. Todavia, eu encontrava certa coerência nos sentimentos paternos que carregava por “seu garoto” -era assim que a mim se referia no ápice de seus ríspidos ensinamentos.

As decisões me ocupavam a cabeça. Poderia permanecer bem e estreitamente propício ao que estava predestinado a ser: uma forte e imponente figura às mulheres. Entretanto, ao lembrar-me do ardor constante dos entraves vividos por Liz, minhas inquietações tangiam a racionalidade e a coesão desprezada por tantos de meu gênero.

Eu poderia sujeitar-me ao papel de viver fingindo não ver os disparates que cercavam minha realidade. É, eu poderia dizer que por ser jovem e cheia de novos hormônios, minha irmã extrapolava os limites e era levemente repudiada por suas más e desobedientes ações. Mas era eu quem levava Liz ao hospital para pôr seus frágeis ossos no lugar, alegando que ela se machucou por acaso. Era eu quem acalantava seus prantos no tardar da noite e o seu medo descrito nos tremores, choros e insônias. Eram marcas que eu não podia arrancar de seu peito, mas que acompanhei com tamanha proximidade. Ser indiferente às cicatrizes deixadas seria algo além de minha compreensão.

E em uma das escassas boas memórias, eu lembrava dos dias em que meu pai viajava para trabalhar. Eu tinha uns dez anos de idade e Liz era uma menininha de oito anos ainda... O aroma do café

complementava o paisagismo dos campos, dos animais que por eles ladrilhavam; a neblina do amanhecer... Em uma fração de segundos incertos, permito-me lembrar das gargalhadas, da Liz sujando-se com a geleia de amoras que mamãe fazia, do pão quentinho e das frutas colhidas ao pé logo cedo. Era incrivelmente perfeito, pois mais que toda simplicidade do contexto, o amor estava inserido em cada milímetro dessas confortáveis lembranças.

Elizabeth tinha o castanho mais cálido e ofuscante nos olhos, mas o olhar possuía o pesar das mais dilacerantes emoções. Seus cabelos ondulavam sem um nó sequer, mas os fios de sua história submetiam-se aos mais sombrios emaranhados. Quando menor, transbordava a felicidade em cada traço de suas manifestações e em cada contorno de suas feições.

De súbito, a inércia de pensamentos cessou e a certeza de uma ação moldaria os próximos centímetros disso que chamava de vida. Antes que pudesse concluir o meu trajeto à instituição de ensino, peguei-me de piegas com a voz materna ecoando em meus ouvidos, encorajando-me a assumir veementemente a decisão que eu acabava de tomar.

Abandonaria o futuro que meu pai planejou para o garoto e acataria as obras de um verdadeiro homem ético: fugiria com minha irmã ainda naquele dia. Iríamos embora, eu a libertaria de metade de suas correntes e não deixaria ninguém lhe dirigir qualquer insolência ou agressão.

Entusiasmado, cheguei em casa. Ligeiramente procurei por Elizabeth. Liz, a minha pequena Liz... Ah! Se letras pudessem descrever; se as águas do mar pudessem representar as lágrimas que emanavam; se o sofrimento de ver minha irmã sob punições, agressões provenientes do nosso próprio pai enfatizasse a dor que se construiu em meu peito... Liz, a minha pequena Liz, estava morta sobre a mesma cama na qual respirava ainda pela manhã!

O frasco de veneno jogado em uma caixinha antiga lapidada a ouro, as cortinas choravam e corriam desesperadamente ao vento. Por certo momento, fixei-me em versos num papel rabiscado da caixinha. Eles diziam:

“Talvez, mais vale a eternidade no céu que os sangrentos passos pela terra. Há coisas das quais desistir seria consequência de minha fraqueza. E de todos os suportes, este último que cativei desgastou-se nos dias. A dor rasga-me a primavera e arranca-me os lírios dos vales. Este desistir, talvez seja não desistir de si. Procuo um lugar melhor para deleitar-me.”

Lyra Scarlet

Hoje, após dez anos, decido entregar minha vida ao matrimônio. Entregarei o mais intrínseco do amor e do respeito à Nelory, minha estimada namorada e daqui a alguns minutos, esposa. Guardarei um relicário de emoções no mais profundo do meu ser, levarei a certeza do inesperado, mas a certeza de que posso decidir não ser “o garoto” do meu pai. Talvez eu ainda fosse imaturo demais para compreender os versos de minha mãe, Lyra Scarlet, mas agora sei, que nas mesmas torturas que despiam a alegria de Liz e a levaram a se suicidar, mamãe também encontrou razões para partir.

Elas me guardam de uma outra vida, quem sabe até melhor que esta. Eu as guardo numa boa lembrança, no mais lindo memorial do subconsciente. E quanto ao meu, as rotas traçadas pelos precipícios que ele mesmo construiu, o levaram para baixo da terra. O álcool lhe consumiu o corpo. Um ano após a morte de Liz, ele faleceu após sua última crise provocada pela cirrose.

Eu sei que do tanto e tão pouco que sei, cabe-me continuar a partir de minhas próprias perspectivas. Eu opto por amar. Eu opto por palavras doces e amáveis. Eu opto por toques cheios de uma boa adrenalina. Eu opto por manhãs coloridas da infância que pouco tive. Eu opto por ser o príncipe dos sonhos de minha amada e o

super-herói dos contos que lerei aos meus filhos e filhas. Eu opto, enfim, por ser mais que violência praticada e verbalizada, a qual as minhas primeiras mulheres, Lyra Scarlet e Elizabeth Scarlet, não resistiram.

2º LUGAR

AS PAREDES CANTAVAM

Nayana Ferreira Silva

Balançando os pés no ar, deitado de bruços com um livro entre as mãos, Ivan virou lentamente as páginas de *O Pequeno Príncipe*, ignorando as paredes que faziam barulhos horríveis.

Um menino de seis anos, meio baixinho para a idade, tinha sido mais uma vez atormentado por pesadelos e começou mais uma aventura da madrugada ocupada por asteroides e rosas vaidosas. Havia também os adultos incompreensíveis e as cobras que davam medo, ao mesmo tempo que faziam promessas insinceras.

Aquela noite era um pouco melhor do que as anteriores, quando Ivan não sabia se estava dormindo ou sonhando que estava acordado. Ora pois, paredes não falavam, mas as do seu quarto pareciam vivas, gritavam e batiam tambores e não o deixavam dormir bem. Mesmo que se fechasse no guarda-roupa, quando era insuportável, não fazia muita diferença, ainda era muito alto, como se falassem ao pé do seu ouvido. Ele não aguentava, mas não havia o que fazer. Pediu à mãe para dormir com ela porque não aguentava a farra noturna das paredes do seu quarto. Mas ela apenas lhe encarou com seus olhos amorosos e tristes e disse:

— Não tem jeito. Elas cantam mais alto no meu quarto.

Então, ficou por isso mesmo. Ivan e as paredes do seu quarto. Ivan e o livro d'*O Pequeno Príncipe*. A madrugada e a música sem ritmo que ecoava pela casa quase todas as noites.

E também havia a sombra na porta. Ivan a tinha visto muitas vezes pela fresta no chão, questionou a mãe, que de novo lhe disse:

— Não tem jeito, a sombra anda pela casa todas as noites de-

pois do jantar.

E assim, ela também avisou Ivan para que não andasse pela casa à noite. A sombra estava sempre procurando por ele. Ivan perguntou se era porque o pai nunca estava em casa, mas só recebeu o silêncio e outro olhar amoroso e triste. Cansada. Sua mãe parecia muito cansada. Por isso também caía muito e se machucava, porque não dormia bem e estava sempre cansada e desastrada. Ela se machucava feio às vezes, e Ivan tinha vontade de colocá-la numa redoma de vidro como o pequeno príncipe fizera com a sua rosa. Para Ivan, sua mãe era como a rosa, mas não entendia porque seu pai nunca estava por ali para cuidar dela como o pequeno príncipe. Os baobás cresceriam e esmagariam a rosa se não cuidassem do solo do pequeno planeta que era sua casa.

Ivan bocejou e esfregou os olhos, dedos tão magros que poderiam quebrar só por segurar com um pouco mais de força. Estava na página em que o pequeno príncipe descobria que a sua rosa não era a única no mundo, havia um enorme jardim de rosas, todas iguais à rosa que ele cuidava em casa.

Ivan quase caiu de sono em cima do livro, desejando ser carregado por uma revoada de pássaros pelo espaço para outros planetas, mais bonitos. Mais silenciosos. Sem paredes que cantavam.

Mas quando fechou os olhos, ouviu de novo. Os passos pesados perto da sua porta. Ivan abriu bem os olhos e olhou pela fresta, por onde entrava um pouco de luz e pôde ver. Era a sombra de pés grandes. Como em outras noites, a sombra tentou girar a maçaneta, mas seguindo as ordens da mãe, Ivan sempre trancava por dentro e colocava uma cadeira escorada contra a porta. Era para impedir que a sombra chegasse até sua cama e se tornasse um bicho papão.

“Um bicho papão sem criança para assombrar é apenas uma sombra que não dá medo.”

Ivan ouviu a voz da sua mãe gritar:

— Por favor, deixe ele em paz!

Era o que ela sempre dizia para mandar a sombra embora. Ela disse a Ivan que nunca deixaria a sombra chegar perto dele. Ele nunca teria um bicho papão embaixo da sua cama. Ivan uma vez quis saber se ele iria para a cama da mãe porque não conseguiu ir para o quarto dele. Mas não conseguiu perguntar. Foi a primeira pergunta para a qual ele não quis uma resposta. Pensou que sua mãe talvez não tivesse medo, porque era adulta e os adultos eram muito razoáveis.

Eles não viam que a jiboia tinha engolido um elefante se você não desenhasse o interior da jiboia.

Ivan pensou que ele era como o carneiro dentro da caixa. Protegido por paredes, talvez um dia também comesse baobás e depois fosse obrigado a comer as flores. Mas não queria fazer mal às flores, que eram tão frágeis.

A sombra foi embora depois de não conseguir passar pela porta. Um instante depois e as paredes começaram a cantar de novo. Elas paravam sempre que a sombra se aproximava, era o único momento em que paravam, até elas tinham medo da sombra. Sua mãe seria a mais corajosa? Ou a mais tola?

Ivan não quis continuar de onde parou e virou as páginas até alguma outra no início. Parou sobre onde o príncipe indignava-se com a guerra dos carneiros contra as flores. “Há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo.” Ivan pensou que não queria ser outro carneiro, queria ser o pequeno príncipe que arrancava baobás e cuidava da rosa, que era única no mundo. Mesmo que o mundo fosse do tamanho de uma casa.

O pequeno Ivan pensou nas feridas da mãe. Pensou que talvez

alguém tenha arrancado seus espinhos. Se perguntou se tinha sido a sombra. Talvez de manhã perguntasse para a mãe. Não poderia sair à noite.

As paredes ainda cantavam. Era mais alto que os outros dias. Algo diferente devia estar acontecendo com as paredes. Talvez fosse aniversário de uma delas. Pessoas davam festas quando faziam aniversário, paredes deviam fazer o mesmo. Mesmo que o próprio Ivan nunca tenha tido uma festa.

Passou as páginas sem ler de verdade. Murmurou frases que sabia de cor. Já lera aquele livro várias vezes.

“Mas por que falas sempre por enigmas?”

-Eu os resolvo todos, disse a serpente.”

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

O que fazer quando você não consegue carregar essa responsabilidade? Ivan não sabia para quem direcionar suas perguntas intermináveis.

O barulho das paredes ficou ainda mais alto. Ivan queria apenas se esconder no armário e cobrir os ouvidos.

Foi o que fez. Um carneiro dentro de uma caixa.

Mas ele prometeu à mãe que nunca comeria flores. Ele a protegeria contra o frio e as ervas daninhas.

Queria ser um príncipe. Mas era ainda apenas um carneiro numa caixa.

Era preciso encontrar um jeito de sair da caixa...

O canto das paredes chegava a um novo nível naquela noite. Ficou ainda mais assustador quando o som de cristais estalando se juntaram entre os tambores, uma voz estridente tentava alcançar o tom mais fino que podia. Ivan teve muito medo, mas pensou que

no quarto da mãe as paredes cantavam mais alto. Ela deveria estar ainda mais assustada.

Embora dissesse que a sombra vagava à noite e não deveria sair, Ivan estava convencido de que o certo era consolar a mãe para que ela não tivesse medo do canto das paredes. Deveria ser corajoso e racional se quisesse ser um pequeno príncipe para a sua mãe. Colocá-la em uma redoma para não sofrer com os ventos, regá-la para que fosse mais bonita a cada dia. Ela sorriria mais e não teria mais olhos tristes e não se cansaria a ponto de se machucar.

Sim, muito razoável!

Decidido, Ivan tirou a cadeira e destrancou a porta. Lá fora, a luz do corredor estava acesa. No final dele, cacos de vidro espalhados. Um pouco de líquido vermelho caiu por ali. Tinta, concluiu Ivan. Uma vez derramara tinta guache vermelha no tapete, e sua mãe ficou tão brava que chorou. E ele chorou também. Não sabia porque, mas chorou. E não parou, mesmo depois da mãe abraçá-lo e dizer que estava tudo bem, ela não estava brava.

Mas ele nunca entendeu o significado das lágrimas dela. Nem das suas.

Ele passou pelo corredor, evitou os cacos e a tinta. Se perguntou se foi a sombra que tirou os móveis dos lugares, fazendo uma bagunça porque não conseguiu entrar no seu quarto.

Ficou bravo por ficar com medo. Por querer se esconder de novo. Mas ainda precisava encontrar sua mãe.

Deixou a sala para trás, chegou no corredor do quarto da mãe. A luz lá dentro estava acesa e o barulho estava mesmo mais alto. Era assustador e ele hesitou em se aproximar.

Chamou a mãe baixinho. Não recebeu resposta. Então pensou que ela não ouviu, que talvez devesse abrir a porta e entrar.

Mas a música era tão assustadora. Ele queria a caixa que era o seu quarto. Queria que a mãe saísse e o levasse para a cama e dormisse junto dele. Ela talvez ficasse zangada porque perambulou pela casa de noite, talvez chorasse. Ivan não suportava quando a mãe chorava. Quase sempre chorava junto.

Outro rufar de tambor o fez pular no lugar. O coração batia muito rápido como se fosse sair pela garganta. Teve vontade de chorar. Mas não chorou, porque deveria ser corajoso.

Pela mãe. Que ainda estava dentro do quarto.

Por um momento, ele apenas encarou a luz que saía por baixo da porta. Foi então que a mesma sombra que aparecia na sua porta surgiu outra vez.

A sombra se tornou um bicho papão no quarto da sua mãe?

Ele chamou a mãe, dessa vez com toda a força dos seus pulmões:

— MAMÃE!

Ele correu para a porta, não importava se estava com medo. Sua mãe estava sozinha com o bicho papão, deveria estar com mais medo do que ele, apesar de ser adulta.

Adultos também tinham medo?

Antes que pudesse empurrar, a porta se abriu por dentro e sua mãe saiu correndo e o pegou nos braços. Sem nunca parar de correr. Ivan olhou de relance por cima do ombro dela.

Ele viu a sombra. Por um momento, ela parecia ter um rosto.

Mais tarde, ele o esqueceria. Mas o rosto da sombra voltaria nos seus sonhos. Ele deveria aprender a lidar com isso.

A mãe correu com Ivan nos braços pela casa, passou por cima dos cacos e da tinta com os pés nus sem se importar. Ela parou apenas uma vez, por um segundo, para pegar o telefone e correu para o quarto de Ivan e trancou os dois lá dentro. Ela soltou Ivan e arrastou a cômoda até a frente da porta. Na hora que ela soltou, o canto das paredes começou outra vez, a porta tremeu e rangeu com a cômoda. Tambores soaram, tudo estava mais barulhento do que nunca. Ivan se perguntou se era assim no quarto da mãe. E como ela aguentou por tanto tempo.

Ele não sabia o que fazer. Estava muito assustado, mas não ousou chorar. Mesmo que a mãe estivesse chorando, com as mãos trêmulas e tinta vermelha no rosto e nos braços, apertando com mais força do que necessária o telefone na mão. Ela discou e colocou o telefone na orelha. Ela olhou para mim.

— Ivan, seja bonzinho e se esconda no armário.

Ela tinha lágrimas nos olhos, mas já não estavam tristes nem cansados. Eram resolutos e com algum sentimento que Ivan não entendia. Ele percebeu que o mundo dos adultos era muito mais assustador do que imaginava. Não eram apenas paredes que cantavam, sombras e bicho papão.

Mas não importava. Ivan não podia mais deixar sua mãe sozinha. Mesmo que não entendesse o porquê.

Ele a abraçou com seus braços curtos, encostando o rosto contra seu ventre.

Se não ele, quem mais cuidaria da sua mãe? A rosa que era única para ele.

— Vou proteger a mamãe.

Ele teve a impressão de que ela chorou ainda mais forte ao ou-

vi-lo dizer isso. Então ela disse palavras que ele não entendeu:

— Por favor, eu quero fazer uma denúncia.

As paredes ainda cantavam...

3º LUGAR

O NOSSO ENCORAJAR

Kailanny Mirelle do Desterro Silva

Ao entardecer, revisei lembranças da época em que trabalhei, como criada, em vários desses palacetes aristocráticos do Rio de Janeiro. Grandes construções, realmente, cujas fachadas – ornamentadas em ouro – escondiam violências domésticas das mais diversas formas: física, sexual e moral. Nunca esquecerei dos praticantes de tais atos horrendos que massacravam nós, as mulheres, em todos os dias santos.

Testemunhei muitos casos de agressões contra nosso sexo. Mas, com absoluta certeza, Lígia Teles (esposa do Doutor Henrique de Albuquerque) me fez ver na sua desgraça a necessidade de unir forças para combater o infeliz machismo e o egóico patriarcado, os quais perturbavam a burguesa citada, assim como laceram inúmeras vidas femininas até hoje.

Lígia era daquelas donas atenciosas e vaidosas, sempre usava vestidos floridos e, quando me atrevia a perguntar o motivo dessa constância, ela respondia que visava atrair mais leveza em seu lar. Essa resposta, de certo, mexia comigo, já que a burguesa procurava, nos detalhes, acalentos para minimizar seu nítido sofrimento com as imposições do marido. Doutor Henrique era covarde. A bela senhora não tinha liberdades. Lembro de ser obrigada a trancá-la em seu quarto nos horários de saída do Homem, havia regras até na realização das suas refeições, não enviava cartas para suas amigas desde a época do casamento e, o pior, a família apoiava esse afastamento da jovem: “seu marido deve ser a prioridade, Lígia!”

Fora dessas exigências absurdas, o quarto da moça, além de ser regado a lágrimas e vinhos roubados da adega, prevaleciam livros de romance – responsáveis por instigar a fantasia e os sonhos de Dona Lígia. Júlia Quinn, Amanda Bonatti e Lisa Kleypas eram suas autoras inspiradoras. Na realidade, todas aquelas nobres senhoras do Rio de Janeiro idolatravam escritoras, tanto pelo talento quanto pela liberdade que estas usufruíam.

Certo dia, durante uma manhã rodeada por leituras, Lígia percebia que seu marido havia retornado mais cedo ao palacete. Doutor Henrique era covarde. E detestava os hábitos intelectuais da esposa. Em um impulso feroz de ego ferido, o Homem queimou todos os romances da Dona. Eu a vi sofrer. Mais uma vez. Agora os acentos ficavam escassos. Seu quarto não transparecia vida, ela não tinha mais forças para sobreviver. Mas precisei ser a sua força. Desde aquela data, Lígia não estava sozinha.

No dia após a confusão, o meu encorajar foi destemido, reerguer Lígia era minha maior vontade e, apesar de não saber ao certo como fazer isso, dei um ombro amigo para aquela nobre e infeliz senhora. Ficamos horas conversando sobre os atos cruéis de Henrique. Viramos confidentes. Questionamos o patriarcado. Ela não queria estar presa àquele Homem. Sonhava em ver mares e horizontes. O Rio de Janeiro era pequeno para nossas vontades que norteavam um só alvo: liberdade.

Mas tínhamos condições adversas ao nosso redor, a pobreza e a criadagem me assolavam, enquanto Lígia era casada. Obviamente, casamento era sinônimo de cárcere na realidade da Dona.

Com clareza, a melhor alternativa parecia fugir de Henrique e do Brasil, porém, queríamos algo maior. Mais glorioso. Então, eu e Lígia unimos coragem, a fim de lutar pela liberdade feminina. O silêncio precisava ser quebrado. Ela não merecia sofrer. Nenhuma mulher deve ser vítima de quaisquer violências.

Já tínhamos um objetivo. Só faltava o meio para atingi-lo. E, assim como o rio flui para o mar, vi a solução aparecer em um jornal. A Rádio Carioca abriu espaço para mulheres radialistas. Eu, criada, não tinha capacidades para isso. Entretanto, Lígia poderia se candidatar. Sabíamos dos riscos. Doutor Henrique era covarde. Mesmo assim, seguimos nosso instinto. Eu ajudei a falsificar uma autorização do marido. Nós, mulheres, não temos independência para absolutamente nada.

Uma semana após a inscrição da Dona, saiu a lista das classificadas no jornal. E estava lá o nome de Lígia! Parte do nosso plano se concretizou.

Afinal, uma rádio abrir oportunidades para mulheres já era um escândalo. Mas o que Lígia estava prestes a fazer envolvia reputação. Doutor Henrique teria a imagem manchada e suas riquezas estariam em jogo. Isso seria o mínimo. A Dona queria justiça. Sonhava com a libertação.

Logo no primeiro dia de contrato, Lígia infringiu uma regra ao denunciar seu marido na Rádio Carioca. Eu acompanhei tudo em um bar. Suas palavras comoviam e chocavam todos. Uma denúncia foi feita. Violência doméstica cometida por Doutor Henrique de Albuquerque. Muitos duvidavam da veracidade dos fatos. Porém, demos voz a um sofrimento real. Mulheres escutaram nosso lamento. Poderíamos salvar muitas vidas a partir daquele dia.

Autoridades se manifestaram. O impossível pareceu ser realizado. O Estado finalmente deu voz a uma mulher. Havia provas. Eu testemunhei tudo. Apesar de todo o caminho levar à prisão de Doutor Henrique, ele foi solto. Pagou fiança. Resultado do frágil sistema jurídico brasileiro.

Poderíamos ter desanimado, mas nossa luta precisava continuar. Já havíamos progredido muito. A união de duas mulheres de classes sociais diferentes foi corajosa. Avançamos rumo a um fu-

turo melhor, embora saibamos que Doutor Henrique estava solto. Era nítido que ele poderia cometer mais crimes contra outras mulheres. No entanto, eu e Lígia estávamos com mais planos. Vidas femininas precisavam de atenção.

Dessa forma, renovamos nossas forças. Fizemos aliadas dos mais diversos níveis sociais: damas, criadas e escritoras. Já tínhamos recursos financeiros. Lígia estava liberta do covarde Henrique. Eu não vivia apenas como criada. Antes, éramos duas. Hoje, somos centenas. E aos poucos nosso projeto toma forma: a Instituição Encorajar Feminino. Recebemos vítimas, encaminhamos denúncias e trazemos vida a muitas mulheres. A revolução já está acontecendo.

Dos palacetes aos cortiços: merecemos respeito, justiça e igualdade.

CRÔNICAS

CRÔNICAS

1º LUGAR

O MUNDO É UM RECOMEÇO

Thaisa Soeiro Luz

O movimento da feira do João Paulo começava às cinco horas da manhã. Mas às três ela já estava de pé. Todos os dias, Ismália era a primeira da família a acordar e realizar as tarefas domésticas. Preparava o café, varria a pequena casa de três cômodos, limpava o banheiro e colocava ração para o cachorro de nome Pimpão, que lhe lambia toda a face. Por fim, tomava um banho rápido com a água fria da caixa d'água que ficava no quintal e ia preparar-se para mais um dia de trabalho pesado. Mais tarde, quando o relógio já marcava quatro horas, é que Ismália se sentava à mesa e esperava os dois irmãos e o pai despertarem, para que assim pudesse tomar café e, se desse sorte, comer um pequeno pedaço de pão dormido.

Perto das quatro e meia, Ismália ouvia um baixo ruído advindo do rádio do pai. O velho objeto de som havia pertencido a sua falecida esposa, e era a única herança que a mulher tinha deixado no mundo. Este rádio era uma das maiores preciosidades do homem, que toda manhã o sintonizava em uma estação de músicas da época. Hoje, a voz que ressonava do rádio era a do cantor preferido de Ismália: Cartola. A melodia da música “O Mundo é um Moinho” preenchia todos os cantos da casa, deixando-a ainda mais melancólica do que já era. Na mente da menina, surgiam memórias de sua amada mãe, que quando ainda viva, sempre estava cantando alguma do cantor.

-ISMÁLIA – O pai grita, batendo a mão na mesa de madeira, assustando a garota que continuava perdida em tempos longínquos – Você é surda, sua inútil? Faz mais de trinta minutos que eu te chamo.

- Desculpe, meu pai – Ismália responde abaixando a cabeça, com medo de ser atingida inesperadamente.

- Eu estava lhe perguntando o motivo de você ainda estar aqui quando faltam apenas trinta minutos para abrir o barracão. - Ainda não tomei café – responde em um sussurro.

- E pelo visto, não irá tomar.

Quando a menina olha para o rosto do pai, tudo que vê é o seu eterno olhar de desgosto, o qual sempre direcionou a ela e apenas para ela. O homem não conseguia entender o porquê de a filha ainda exigir ser tratada como ser um humano, como alguém merecedor de dignidade. Para ele, a desnutrida sentada à sua frente não passava de um burro de carga, igual sua mãe um dia foi. Daquela mulher ele até sentia falta. Obedecia-o sem questionar, e nunca ousou ir contra sua palavra. Agora, ela tinha ido embora, morrido de doença ou de maltrato, ninguém sabia. Mas a maldita havia deixado aquele ser irresponsável e atrevido com ele. Uma menina.

O homem se lembra do nascimento da filha. Era uma quarta-feira à tarde, e ele se encontrava embriagado, jogando truco em um bar com seus amigos. Foi quando seu vizinho entrou no local, um pouco nervoso, e com uma voz baixa, avisou que a sua esposa havia entrado em trabalho de parto, e que se ele quisesse encontrá-la, a mulher estaria na casa ao lado, recebendo ajuda da outra vizinha. O homem olhou para o amigo, soltou uma gargalhada de bêbado e virou-se para continuar jogando. Aquela partida já estava ganha e ele não perderia os 50 reais que havia apostado. Ela que passasse por aquilo sozinha.

Mais tarde naquele mesmo dia, no sofá da vizinha, a mulher deu à luz. Ela chorou, derramou todas as lágrimas que evitou derramar por tantos anos. Chorou tanto, que não pode ouvir o primeiro sinal de vida da criança. Era uma menina linda e saudável, apesar das adversidades em que havia nascido. A vizinha a colocou nos

braços da mãe, que imediatamente enxugou os olhos para enxergá-la melhor. Realmente, era tão linda. E parecia com o pai. Onde ele estava? Na verdade, isso não importava agora. Melhor até que estivesse bem longe das duas.

A pequena abriu os olhos por um momento, fazendo com que a mais velha voltasse a transbordar lágrimas. Aquele era um dos momentos mais lindos que ela já havia testemunhado em toda sua miserável existência. O minúsculo ser nos seus braços era e seria o seu único motivo para levantar todos os dias. A razão pela qual ela lutaria pela vida. Porque, assim como ela, a criança era mulher. Alguém que entenderia suas dores. Uma mulher de carne e osso que, infelizmente, passaria pelas mesmas dificuldades que ela já havia passado. Mas as duas estariam juntas, para segurar a mão uma da outra e seguir em frente. Ela faria de tudo para proteger a sua única filha.

-Você é tão bonita quanto um ipê-roxo em mês de junho –beijou a mão da filha – Eu te amo. Sempre te amarei, Ismália.

Depois de um dia de ressaca, o pai de Ismália apareceu para conhecê-la. O desagrado foi visível em seu rosto quando lhe noticiaram que seu filho, na verdade, era uma filha. A mãe de Ismália sabia que nunca conseguiria livrar a menina da dor de ser mulher, mas ainda assim, tornou-se sua única protetora, defendendo-a de tudo que ameaçava sua existência. Entretanto, quando Ismália completou nove anos, a sua guardiã teve que ir embora. Ela já estava doente há meses, e as agressões que sofria do marido só pioravam a situação. E, em uma tarde, a criança voltou da escola e não encontrou a mãe. Depois, descobriu que ela havia morrido enquanto limpava o chão do banheiro, e o pai mandara a enterrar como indigente. Ismália nunca pode lhe dar um último adeus, ou até mesmo visitar seu túmulo, pois ninguém sabe onde ela repousa.

Então, desde esse terrível dia, todas as responsabilidades da falecida passaram para sua filha, inclusive, a responsabilidade

de ser o alvo da raiva de seu pai. Foi proibida de ir à escola e as agressões que sofria, físicas e psicológicas, ficaram cada vez mais frequentes. Por muitas vezes, a garota se perdia em pensamentos, imaginando-se em outra época, quando a mãe ainda era viva. E dispersa em memórias, Ismália sentia que poderia ser feliz apenas no passado, nas lembranças que guardava com tanto amor. A saudade e a tristeza lhe consumiam progressivamente, deixando apenas alguns resquícios de vida. E foi por isso que, naquele dia, enquanto observava o pai lhe negar um gole de café, Ismália decidiu que iria fugir. Por ela, e pela sua querida mãe.

Desde os dez anos, a garota secretamente pega moedas da venda da feira, e as coloca em uma garrafa escondida embaixo de sua cama, para que ela possa usá-las em caso de fuga. Na próxima semana, será seu aniversário de dezesseis anos, e se tudo der certo, também será o dia em que escapará das garras de seu pai. O seu destino, por enquanto, é a casa de sua família materna, a qual ia visitar uma vez por ano quando sua mãe ainda era viva. Ismália reconhece que é um plano arriscado, por lembrar pouco o caminho que precisa seguir para chegar lá, mas é o único lugar que ela conhece. É o lar da mulher que possui o seu nome, a sua avó. Ambas eram muito próximas antes de sua mãe morrer e o pai proibir que as duas mantivessem contato. E depois de tanto tempo, Ismália ansiava ver seu rosto novamente.

E assim seguiu-se a semana. Ismália continuava acordando às três da manhã, arrumava a casa, e preparava o café, mas como bônus, também juntava alguns pertences e os guardava na sua velha mochila, do tempo em ela era permitida ir à escola. Quando chegou o dia do seu aniversário, ela já estava pronta para partir. Como sempre, acordou cedo e realizou todas as tarefas necessárias. Mas na hora de sentar-se na mesa com o pai e os irmãos, ela falou, temerosamente:

-Acho que hoje não conseguirei trabalhar. Desde ontem soffro

de cólica forte e venho tendo sintomas de gripe – Ismália forçou uma tosse, rezando para que aquilo desse certo – Hoje acordei apenas para fazer as coisas para vocês, mas creio que não possa me sustentar de pé por muito tempo. Então lhe peço meu pai, por favor, posso ficar em casa por umas horas até melhorar ao menos um pouco da tontura?

O homem a olhou desconfiado, como se procurasse as falhas visíveis daquelas mentiras. Mas com muita relutância, aceitou o pedido da filha.

-Você pode ficar. Mas essa é a primeira e a última vez. Às doze horas te esperarei lá. E hoje ficará a tarde inteira, para compensar a manhã perdida – Dito isso, foi em direção à porta, acompanhado dos dois filhos homens.

Assim que escutou a porta fechar, Ismália correu para juntar suas coisas e finalmente partir. Pegou sua mochila velha e a garrafa contendo o pouco dinheiro que conseguiu guardar por seis anos. Despediu-se do seu cachorro e da casa em que viveu. Foram momentos difíceis, mas ela ia superar. E quando já estava na pronta para deixar tudo para trás, ouviu o barulho de chave na porta. Seu irmão mais velho estava parado, olhando confuso para ela e para bolsa que carregava em seu ombro. Por um momento, Ismália quis correr e empurrar o mais velho, que permanecia parado, impedindo sua passagem. Mas de repente, seu olhar mudou e ele sorriu.

-Imaginava que você iria embora hoje, mas não sabia que seria minutos depois de nós sairmos – ele encostou-se no batente velho, sorrindo para a irmã.

-O que você quer? – Ismália já se preparava para qualquer tipo de briga se isso significasse que poderia ser livre. Não que o irmão já tivesse levantado a mão para ela. Às vezes, até lhe defendia dos ataques de raiva do pai.

-Eu vim me despedir – Ismália olhou assustada para o irmão –

E pedir desculpa por tudo o que você passou. Se houvesse uma forma de voltar no tempo, teria lhe defendido todas as vezes, e não só quando tinha coragem. Eu sei que ela iria querer que eu te protegesse.

O garoto abaixou a cabeça no momento em que começou a derrear algumas lágrimas. Ismália sabia que ele falava da mãe. E incentivada pela vulnerabilidade do irmão, abraçou-o.

-Não precisa se desculpar por nada. Eu estou pronta para viver novamente. Vai ser minha chance de ser feliz. Eu só preciso que me deixe ir.

-Claro, claro – Ele se distanciou de Ismália, enxugou os olhos e tentou sorrir – Posso te acompanhar até a parada de ônibus?

Assim, os dois irmãos saíram de casa, de mão dadas, como nunca haviam feito antes. Foram o caminho todo em silêncio. O irmão, apreciando a companhia da irmã pela última vez. Ismália, ansiosa, pensando esperançosamente no que estava por vir. E quando chegaram ao ponto, se abraçaram mais uma vez. Distanciando-se, o garoto tirou da sacola o rádio do pai, que pegou sem ele perceber.

-Aqui – entregou na mão da irmã – Uma lembrança. Eu sei que você e a mamãe amavam essa coisa velha, e ninguém merece ele mais do que tu.

Já chorando, Ismália pegou o rádio nas mãos. Era realmente a única coisa que desejava levar do passado e seu irmão sabia disso.

-Obrigada – sorriu, serena – Mas como sabia que eu ia fugir?

-Semana passada, eu estava procurando o meu sapato na casa do cachorro, e achei sua mochila arrumada, e na hora já imaginei o porquê. E quando você pediu para ficar em casa hoje, meu único pensamento foi que eu precisava dizer adeus – Seus olhos estavam lacrimejando novamente – Então, adeus, Ismália. E feliz aniversário.

-Até logo, irmão. Obrigada.

Minutos depois, o ônibus chegou. Os dois se despediram uma última vez, e a menina embarcou. Pagou a passagem com o dinheiro que o irmão insistiu em lhe dar e sentou-se no primeiro banco disponível. Estava nervosa. O coração batia em função da liberdade. Era rápido e descompassado. Ismália pegou o rádio que havia guardado na bolsa. Sintonizou na estação tão conhecida. Abaixou o volume para não incomodar ninguém e relaxou no banco. E enquanto olhava a sua antiga vida se distanciando, as primeiras notas de “O mundo é um moinho” ressonaram. Naquele momento, as melodias preencheram sua alma, e Ismália sentiu mais do que nunca, que sua mãe preenchia seu coração

2º LUGAR

AFLIÇÕES

Mírya Alexandrina Silva Facuri

Era mais um dia fatigante, doloroso, neblinoso. Mais uma queda de escada, escorregão, ataques de animais, circunstâncias ou pura coincidência? Nossa personagem segue em mais um dia de trabalho, tentando ocultar os matizes avermelhados de sua pele que não eram fruto do sol da praia no fim de semana, pele arrexeada que não foi apenas um escorregão. Sentimentos adversos, vazio diante da imensidão, se ao menos pudesse liberar as dores, e mágoas, se libertar como uma metamorfose das lagartas.

Até quando? Parou a pensar, até quando viverá de forma tão inquietante? Que fere a alma e desnobre a mente, fere o corpo e apaga o ser. Lembra das recordações, da infância feliz, bem cuidada, de como fora bem tratada.

Belas palavras, paixões ilusórias transfiguram-se agora em maus tratos e violência, onde está o respeito e cuidado? Esse amor não cuida, não nutre, não abraça, mas aperta, sufoca e fere extremamente, em conclusão esse amor NÃO EXISTE, quem ama não bate, não fere.

Põe-se a chorar, no bordado do lado as costureiras estão a observar. Será que não percebem? Acreditam em ocultações e desculpas tão suspeitas? Por que não fazem nada? Não ajudam? Não denunciam? Não sabe o que fazer, vê ausência de valores, cuidado. Oh, minha querida, fale, exponha. Quando o mundo está em silêncio, uma voz é barulhenta o bastante, já dizia Malala Yousafzi. Em meio a injustiças deixe correr na veia a coragem de Maria Firmina, seja a voz que rompe o silêncio. Oh, meus jovens, senhores e senhoras, crianças e caros cidadãos, até quando a nossa persona-

gem viverá de forma tão inquietante?

Este não é apenas um caso isolado, ou fictício, é infelizmente uma realidade na vida de muitas famílias, e de muitas mulheres diariamente na sociedade em que estamos inseridos. Essa realidade pode ser contornada e minimizada, por isso, não sejam omissores como estas costureiras ou inertes como a nossa personagem. Apelo ao som de Mahtma Ghandi: seja a mudança que você quer ver no mundo, não permita este nefasto cenário e enredo aqui evidenciado.

Despeço-me com essas palavras, caros leitores

3º LUGAR

EU TE AMO

Nayana Ferreira Silva

Uma memória dos meus oito anos às vezes me vem através dos sentidos.

Eu lembro de ouvir gritos vindos da segunda casa ao lado da minha. E sempre que eu bebo guaraná também me lembro desse dia, assim como de vez em quando passo a mão pela parede áspera e tenho vontade de voltar no tempo para ensinar algumas coisas para a menina ingênua que eu era. Mas como isso não é possível, apenas cubro os olhos, como se fosse capaz de afastar essas lembranças que ficaram eternizadas não só na mente. Mas na minha alma.

Os sentidos animais que ainda restam no ser humano são mais cruéis do que a indiferença aprendida com passar da vida.

Eu estava sentada na sala, assistindo a TV, quando o som de uma porta batendo se transformou no prenúncio de algo que não demorou a vir. Os gritos de uma mulher, implorando repetidas vezes que não, por favor, não faça isso. Era confuso porque logo era seguido de *eu te amo, por favor não faça isso. Eu te amo.*

Eu não tenho muitas memórias visuais daquela noite, tudo se perdeu ou se misturou com sonhos. Mas eu lembro da sensação da parede estremecendo enquanto um coração parecia disparar de medo. *Bum... Bum... Bum!*

Madeira se quebrando, vidro se estilhaçando, mas ela ainda gritava *eu te amo.*

“Por favor, não faça isso!”

Eu perguntei para minha mãe o que estava acontecendo, mas

nem lembro se houve uma resposta. Mas se tem algo que eu nunca esqueci foram as palavras de uma senhora que passava pela rua:

— Grita mais alto. Já que ama, aguenta!

O que uma criança deve pensar? O que quer que seja, eu não lembro. Apenas tenho a impressão de que nunca fiquei tão assustada. No entanto, quando olho para trás, não consigo evitar o sentimento de culpa que me oprime, pensando que já era muito crescida e devia ser capaz de entender o que estava acontecendo. Era estúpida ou simplesmente me recusava a entender?

Porém, de nada vale o arrependimento presente. Tudo que eu queria naquela noite era cobrir os ouvidos e fechar os olhos. Talvez os adultos também tenham esse impulso? Seria um instinto primitivo ou apenas nossa mais básica natureza? Nos fingimos cegos e surdos por termos medo, e isso supera até mesmo a pequena empatia que sentimos pelo sofrimento alheio. Mas ainda nos levantamos em grupos e gritamos para que todos sejam mais gentis.

No fim, que relacionamento temos entre nós, seres humanos? Estamos nos machucando, mesmo que busquemos o amor?

Eu te amo. Por favor não faça isso.

Eu lembro da sirene. E é tudo que eu lembro. E depois tudo se foi. Os gritos foram embora e a casa ficou vazia, até que outros vieram ocupar.

Sem saber o que já aconteceu ali.

Mas eu ainda escuto aquelas mesmas frases, que parecem ditas, não para alguém em específico, mas para qualquer um que tenha compaixão de ouvir.

Eu te amo.

Por favor, não faça isso.

AUTORES
adultos

POEMAS

POEMAS

1º LUGAR

EXISTENCIAL

Pedro Oliveira Dutra Neto

A noite plúmbea caía
Qual pérola brumosa
A lua no céu se erguia
Lépida até não poder mais
Nos escondidos da rua
Sob o manto da noite
E o ganir dos chacais
Eneida sorria...

Vestia a personagem
Era fogueira sem chama
Tinha brilho emprestado
Órfã de sonhos e de pais
No quarto frio, obscuro
Entre carícias roubadas
E canções de pardais
Cada noite um programa.

Uma vida sem amar
Indubitável ilusão
É ter a pele rasgada
Por invisíveis punhais
Eneida estava viva
Mas lhe faltava frescor
No fundo da alma caíam
Hediondos temporais
Raios, trovões, invernada.

Sua casa era o mundo
E o mundo é vastidão
Eneida queria um lar
Que não tivera jamais!
Queria descanso, enfim
Quando Erasmo apareceu
Com o sol no riso largo
E a firmeza de um cais
Do bordel se deixou levar.

O lar era pequeno
Mas cabia muito amor!
Erasmo era cavalheiro
Um bem distinto rapaz
A alma, porém, é labirinto
Oculta o próprio ego
Do eu que o mundo vê
O ser humano é capaz
De ser bom e desordeiro.

E veio o desemprego
O fosso da depressão
Se a alma está doente
Toda a máscara se desfaz
Sob o efeito das drogas
Virou títere melancólico
Quem perde a sanidade
Nas agressões se apraz
E muda completamente...

Eneida buscou ajuda
Contou tudo ao delegado
A minha vida é sofrer
Ele parece o Satanás...!

Dali saiu resoluta
Ali Erasmo adentrou
Voltando para o bordel
Eneida andou para trás
Às vezes queria morrer.

Caía a noite plúmbea
Qual uma pérola negra
A lua nova se escondia
Além de etéreos umbrais
Dormia nas asas de Orfeu.
Nos escaninhos da rua
Sob o austero véu da noite
Vestindo trajés sensuais
Eneida sucumbiria

Ao punhal impiedoso
E ao rancor do marido
(Livre para se vingar!)
Golpes precisos, mortais
No peito, na face e na alma.
Erasmo a feria e antegozava
Deixava na pele morena
Do sofrer as digitais
Para depois se matar...

Quando Eneida despertou
Viu sob uma luz maviosa
Um campo vestido de flor
Aves e seus cantos divinais
Nos vastos Campos Elísios
Seu olhar descansou...
Lago de águas sem água
Apesar das luzes tropicais

Não fazia frio nem calor.

Ao lado erguia-se um muro
Atrás do muro o lamento
Lancinante, sempiterno
Seguido de muitos ais
(Alguém estava ferido!)
Eneida sorria e andava
Do outro lado do muro
Erasmus não sairia jamais
De um padecer eterno.

2º LUGAR

APELO

Luís Felipe Costa Cruz

Não andam plácidas as margens
dos Ipirangas
Bacangas
Pericumãs

Ouve-se um grito
retumbando
sufocado
na garganta da Casa:

(quando uma nação
inteira
chora
em surdina
mil sóis não bastam
para secar
seu silêncio)

Pátria amada
abre os olhos
e verás
que um filho teu
a cada dois minutos
violenta uma
de tuas filhas
no maior país
da América
do susto.

Vergonha.

Todo rio
devia ter
nome de mulher
por que elas
também

transbordam.

Santa Maria
Mãe de Deus
bendita
dai voz a essas mulheres!

Maria
do perpétuo
urgente socorro
ora pro nobis!

Não são lágrimas que escorrem
nas feridas
são setas
apontando culpados.

Brasil!
Tu também és Mãe!
Uma Mulher-Continente
fecunda
forte e triste.

(como tantas
que em teu seio
buscam alento.

Crianças quase
no colo
do indizível!)

Retira pois
Nação ferida
a mão brutal
que te cega tão certa

e faz pousar
na carne da História
a Justiça
como marca derradeira!

3º LUGAR

DA MARIA DO DESTERRO

André Luiz Bentes Ferreira da Cruz

Da Maria do Desterro

*Imagina como é
Ter que morrer todo dia
Pelo leite das crianças
E pendurar na padaria.*

*Eu nasci lá no Desterro
Num bercinho já quebrado
Chorei por um dia inteiro
Mas depois, acostumada
E pra não levar palmada
Aprendi, de muito cedo
(Não vou dizer que sem medo)
A ter que chorar calada.*

*Inda lembro da casinha
Quando não chovia dentro
Minha mãe que me molhava
Vez e quando me apertava
(Enquanto ele não vinha)
De amor e sofrimento.*

*Mas quando papai chegava
Lembro como que ele ria
Enquanto mamãe cantava
Agarrava, o violento
Botando a língua pra fora*

O resto eu já não aguento.

Eu cresci, caí no mundo
Depois que mamãe se foi
E eu jurei de pé junto
Que dali pra mais depois
Não vai ter homem oriundo
Que com eu pra fazer dois.

Mas a vida é sorrateira
E após um junho inteiro
Justamente no Desterro
Fui olhar pra Damião...

Quando eu vi era janeiro
E o barrigão crescia
Mas não era de agonia
Nem porque faltava pão
Que a lágrima escorria:
-Vai batizar no São João!

Hoje estou realizada
A família aumentou
Sempre há dificuldade
Mas a gente superou
De mamãe só há saudade
E a alma perdoou.

Hoje o tempo é diferente
Mas nem tudo que mudou
Com cada mamãe que chora
Todo dia eu também morro.

*Imagina como é
Ter que morrer todo dia
Com toda mulher que renasce
Do Desterro... Da Maria.*

CONTOS

CONTOS

1º LUGAR

EFEITO COLATERAL

Carlos Sebastião Silva Nina

Pepita era filha única de Apolinária e Virgulino Coelho da Silva, que se conheceram no garimpo de Serra Pelada. Daí o nome dado à filha. Inspirado na fortuna que fizeram e que custou a Virgulino o comprometimento de vários órgãos, pelo contato com o mercúrio usado na extração do ouro. Antes, porém, de começar a assentir os efeitos da contaminação, Virgulino desembestou pelo caminho da infidelidade à Naná, como chamava sua esposa. E haja a empregar quem caísse na sua lábia.

Apolinária não aguentou as traições do marido e dele divorciou-se. Foi morar com Pepita, que cedo saiu de casa para casar-se com Romeu, seu primeiro namorado. Mas seu casamento não durou muito tempo porque ambos eram jovens, desempregados e Romeu começou a beber e a bater em Pepita sempre que chegava bêbado em casa.

Orientada para denunciar o marido, Pepita dizia que não ia ganhar nada com isso. Só tinha casado para sair de casa, para escapar de seu próprio pai, que dela abusava desde quando ela fizera 12 anos. Aos 16 anos o pai a engravidara e a levou para fazer um aborto. Ameaçou-a de morte se contasse à mãe.

Pepita tinha tudo para odiar o pai. Foi fácil compartilhar o ódio que a mãe passara a alimentar contra seu pai. Odiava tanto o pai que quando Virgulino estava internado tratando de um câncer, Pepita só foi visitá-lo depois que ele ligou várias vezes implorando pelo perdão dela.

-Oh! Filha, que bom! Obrigado por ter vindo!

Pepita, sem sorrir, foi logo dizendo, com rispidez: -Eu te perdoo, mas antes assina esses papéis aqui.

Eram procurações beneficiando Pepita em prejuízo dos demais filhos que Virgulino fizera com as mulheres que sucumbiam ao poder de sua conversa ou de sua conta bancária.

Virgulino enfureceu-se tanto que encontrou forças para levantar-se da cama. Num brusco e violento movimento, arrancou o tubo de alimentação de soro que estava em seu braço. O suporte de ferro onde estava pendurado o soro caiu fazendo um grande barulho. Médicos e enfermeiros correram na direção do quarto, mas não conseguiam entrar. De costas, Pepita, de dedo em riste, ocupando a porta, gritava: -Eu quero é que tu morras mesmo, velho safado! Tu não vales nada! Vou dizer para todo mundo quem tu és, Virgulino de uma figa. És um merda!

Foi preciso que os seguranças do hospital fossem chamados para retirar Pepita, que estava exasperada, insultando todos que se aproximavam dela. Pepita era assim. Geniosa. Temperamental. Obsessiva. Alguém já dissera que ela tinha transtorno de personalidade borderline. Só falava gritando, dando ordens com sua voz esganiçada. Por isso mesmo foi surpresa quando ela apareceu casada com Paul Bocuse.

Filho de pais franceses, que tinham vindo para o Brasil, Paul fora batizado com o nome do grande gastrônomo graças à paixão de seus pais pela culinária francesa e à mesa cativa que o famoso chef lhes reservava sempre no *Auberge du Pont Collonges*, principal restaurante de luxo de Bocuse, perto de Lyon, na França.

Jovem pacato, alegre, cujo esporte era jogar bocha com os amigos, seu temperamento era o oposto do de Pepita. Quase não falava. Só ria. Principalmente quando tomava um Châteauneuf du-Pape. O vício pelo requintado vinho surgiu depois de ler *A Cerimônia do Adeus*, de Simone de Beauvoir. Ela conta que era a bebida

preferida de Jean-Paul Sartre, com quem vivia o que chamavam de matrimônio aberto. Paul quis ter a mesma experiência do famoso casal francês, mas seu romance com Michelle Aznavour não deu certo. Ela queria que o matrimônio fosse aberto só para ela. Afastaram-se. Não se viram mais. Paul veio com os pais para o Brasil. Antes, adquiriu a franquia do Café de Flore para inaugurá-lo no Brasil. Foi motivado pelo simbolismo que a presença de Simone e Sartre emprestaram ao famoso café parisiense. No Brasil, Paul montou uma bem-sucedida rede de Café de Flore pelo país.

Pepita tinha tudo, sem precisar trabalhar. Mansão em Fortaleza, em Miami, na Riviera francesa e nas Ilhas Seychelles. E viajava como nunca imaginou na vida. Nas viagens, permitia-se romances passageiros.

-É para oxigenar o casamento, dizia às amigas confidentes e até à sua mãe, que fazia de tudo para acobertar a conduta da filha. Para Anastácia, -Homem não presta, minha filha! Não viu teu pai? E teu maridinho é sonso. Não facilita com ele.

Mas Pepita não tinha o que reclamar de Paul, pois parecia não se incomodar com nada que ela fizesse, nem de suas viagens, seus gastos e nem quando uma voz masculina atendia ao telefone quando ele retornava alguma ligação para o celular da esposa ou para o telefone do quarto do hotel onde ela dizia estar hospedada.

Pepita só não sabia -ou não queria admitir -era que Paul estava infeliz. Assim, sentindo-se abandonado, Paul fez uma viagem a Paris. Nostálgico, foi matar a saudade no endereço de n. 172 do Boulevard Saint-Germain, em Paris. O Café de Flore. Foi quando sentiu uma súbita e incontida alegria.

-Michelle! -chamou, com um largo sorriso no rosto. Ela, sentada, sozinha, levantou-se e foi ao seu encontro quase correndo. Abraçaram-se e beijaram-se intensa e demoradamente.

Divertiram-se durante três dias. Foram a Barcelona visitar a

igreja da Sagrada Família, obra projetada pelo catalão Antoni Gaudi e em construção há mais de uma centena de anos. Envolvidos no ambiente místico e artístico, assumiram o compromisso de recomeçar, em matrimônio monogâmico.

-Je vais divorcer. Notre mariage il est fini a longtemps, prometeu Paul, que voltou para o Brasil e conversou com seus pais. Contou sobre o encontro com Michelle e disse que pretendia divorciar-se.

- Meu casamento não existe, disse a eles, pensando que era uma grande novidade.

-Pensávamos que você não sabia. Ainda bem que você está tomando a decisão certa. Nunca é tarde para isso, disse seu pai com um sorriso de alívio. –Essa mulher só quer explorar você. Não gosta de você. Você é apenas um provedor para ela. Veja se ela para aqui no Brasil com você. Está sempre viajando. Inventa motivos.

-Hoje mesmo vou ligar para ela. Está nas Ilhas Seychelles. Ela pensa que eu não sei, mas o Fernando Collor está lá também. Ela vai fazer a maior confusão do mundo. Pode apostar.

Não deu outra -Divórcio? De jeito nenhum. Como é que eu fico?

-Você vai ficar muito bem. Você vai ficar com as mansões daqui, de Miami e daí. E mais a renda bruta de dois dos cafés. Ficarei com a da Riviera.

-Da França? Negativo. Quero essa também. O que você quer fazer comigo é violência patrimonial. A Lei Maria da Penha me protege. Basta eu dizer isso numa petição e logo tu vais estar com uma MPU no teu calcanhar. Estás pensando que eu não sei que estás às voltas com aquela sirigaita francesa?!!!

-Respeite!

-Respeitar o quê? Estou sabendo de tudo. Te prepara. Só assino o divórcio se me deres a casa da Riviera também. E a renda de

quatro dos cafés. E mais as despesas de Arnold, Brutus e Hulk.

Pepita agiu rápido. Paul Bocuse não conseguia entender nada. Recebera uma notificação judicial dizendo que estava proibido de frequentar a casa onde morava, não deveria procurar contato com Pepita, não deveria se aproximar dela a uma distância inferior de duzentos metros e foi até proibido de visitar o filho, sem sequer ter filho com ela ou qualquer outra pessoa.

Mostrou a notificação aos pais, que sugeriram que ele procurasse se informar na Vara de onde saíra aquela notificação. Verificaram que não tinha essa informação. Estava assinada por juiz plantonista. Era melhor procurar um advogado. E assim fez.

-Caro senhor Paul –disse-lhe o advogado-, o senhor está numa grande enrascada. Esse negócio de Lei Maria da Penha tem causado essas injustiças, apesar de ser uma lei muito boa. Era necessária, mas tem causado problemas para pessoas inocentes, decentes mesmo, como eu vejo que é o seu caso, por causa de pessoas inescrupulosas, de má-fé, que estão usando a lei para perseguir desavisados.

Acrescentou: -Consegui acessar o seu processo. A decisão proferida é igual para quase todo mundo. Tipo um formulário. Por isso que o juiz proibiu o senhor de ver o filho que o senhor não tem. Na verdade, ele não proibiu. O senhor até pode ver, desde que seja na presença de alguém designado pela Justiça ou de pessoa da confiança do casal. Perdão! Explicação desnecessária, como a medida, porque o senhor nem tem filho.

-Pois bem, mas por essa medida aqui, o senhor não pode mais voltar para a casa onde morava com sua esposa. Nem telefonar para ela. Nem se aproximar dela até uma distância de duzentos metros. Se o senhor não cumprir isso o senhor pode ser preso.

-Mas o que foi que eu fiz para receber isso? Tem defesa?

-Pelo visto, você não fez nada. Apenas se casou com a pessoa errada, que agora, com perdão da palavra, quer ferrar com você. Tem defesa, mas sua ficha já está feita. Você está no cadastro de homens que praticaram violência doméstica contra mulher.

- Mas como, doutor? Perguntei para ouvir estarecido: - Está na lei, meu amigo. Na jurisprudência. Na doutrina. A palavra da mulher é que vale. Se ela disse que você praticou violência, caso encerrado. Você é um agressor. Foram dadas medidas protetivas de urgência contra você porque você agora é um agressor. É para proteger sua esposa.

-Doutor, eu até entendo que o juiz e até o delegado de polícia tomem medidas para prevenir uma tragédia, a consumação de uma ameaça. Mas eu não fiz nada. Ao contrário. Banco todos os luxos de Pepita. Dela, agora, só quero distância. Que me esqueça.

-Pois é aí que está a resposta, meu caro. Você disse a ela que quer se divorciar. Vai matar a galinha dos ovos de ouro, vai secar a fonte.

-Mas estou dando para ela todo o patrimônio que eu construí com meu suor. Ela não contribuiu com nada. Só gastando. Estou até concordando com a exigência dela de dar a renda de quatro dos cafés de minha rede. E ela continua exigindo. Quer a casa da Riviera francesa e a manutenção das despesas de Arnold, Brutus e Hulk.

-Mas você disse que não tiveram filhos,

-E não tivemos mesmo. São os cachorros que ela cria em Miami. Presentes dos amantes dela. Posso até concordar em dar a casa da Riviera, mas sustentar esses cachorros, nem a pau!!!! Se eu concordar, doutor, ela vai querer mais e mais e mais e não vai ter fim...

-Vamos ver o que podemos fazer, disse o advogado tentando confortar Paul. Mas fique atento, porque as medidas protetivas vão se estender indefinidamente, por causa da pandemia. Não fa-

cilite. Com a Lei Maria da Penha não se brinca.

Dias depois Pepita voltou para o Brasil. Contratou um detetive para seguir os passos de Paul e saber sua rotina. Assim foi fácil saber onde ele estaria para armar um flagrante e prendê-lo por descumprimento de medida protetiva. Conhecendo o roteiro de Paul e sabendo que ele passaria cedo na lanchonete de conveniência do posto de combustível onde costumava abastecer seu veículo, para tomar café, Pepita deixou seu Rolls-Royce Sweptail em casa e alugou um Kwid branco, para não ser notada, pois era um carro bastante vendido na cidade. Postou-se no acostamento, próximo à entrada do pátio do posto e aguardou Paul aproximar-se. Seu Jeep Renegade amarelo era fácil de identificar. Para garantir que Paul manteria o roteiro, fez com que o detetive marcasse um encontro com ele na loja de conveniência, para falar sobre a franquia parisiense.

Com o celular na mão e olhos no retrovisor, viu o Jeep de Paul. Teve tempo ainda de mandar uma mensagem e jogar o celular janela a fora. Com o pé no acelerador e no freio, aguardou Paul aproximar-se. O pisca-pisca do veículo de Paul sinalizava que ia manobrar para a direita. Aproximava-se da entrada do posto quando Pepita tirou o pé do freio e o Kwid pôs-se na direção em que vinha o Jeep amarelo. Num relance, Paul reconheceu Pepita e conseguiu frear o veículo, para evitar o choque. Não vinha com velocidade. Mas não conseguiu evitar a tragédia. Um ônibus que vinha em alta velocidade bateu forte contra a traseira do Renegade, que atingiu o Kwid, surpreendendo Pepita. Ela planejara uma colisão mais leve. Aturdida, perdeu o controle e o Kwid deslizou até onde um bombeiro abastecia o Logan de um casal que levava suas filhas trigêmeas para comemorar seus aniversários de um ano, com os avós maternos.

O Kwid bateu de frente na porta do Logan. O bombeiro caiu no chão contraindo a mão no gatilho da mangueira, jogando combus-

tível para todo lado. Foi instantâneo o surgimento das labaredas e da fumaça, seguidas de explosões assustadoras. Paul desceu do carro, mas não pôde fazer nada para salvar Pepita, o casal com suas filhas e o bombeiro. Não adiantaram de nada os extintores de incêndio que as pessoas que estavam próximas do local quiseram usar, depois que se recompuseram do desespero que tomou conta de todos, levando-os a correr para o mais distante possível do local.

Na confusão, Paul não viu a chegada da Patrulha Maria da Penha. Só deu conta quando se aproximaram dele e lhe deram ordem de prisão. Alguém o apontara como o condutor do Jeep amarelo.

Algemado e posto no camburão da Polícia Militar pelo pessoal da Patrulha Maria da Penha, Paul não reagiu. Não conseguia compreender nada. Tentava entender o que aconteceu e só pensava nas pessoas carbonizadas. Quem seriam elas, pensava, angustiando-se inclusive porque sabia que poderia ser acusado de assassinato de todas elas e, o que é pior, de feminicídio, pois matara a própria esposa, de quem não poderia aproximar-se por menos de duzentos metros. Ninguém acreditaria que teria sido coincidência. Ninguém acreditaria que a vontade dele era ficar o mais distante que pudesse de Pepita. Se tivesse uma lei que o protegesse, era ele quem gostaria de ter uma medida protetiva contra ela.

O detetive ainda pensou em depor em favor de Paul, mas foi desaconselhado por amigos a quem confidenciara o fato, dizendo-se atormentado, apesar de ter apenas feito seu trabalho corretamente. Disseram-lhe que ele poderia ser acusado de cumplicidade, porque não tinha provas de que ela o contratara. O contato dela com ele era sempre presencial, verbal e reservado. Só pagava em dinheiro. Poderia ser acusado de ter informado a ele a localização dela, pois ela é que estava parada no estacionamento.

Também não adiantaria muito. Antes de acelerar o carro, Pepita havia mandado a mensagem que preparara cuidadosamente para

a Patrulha Maria da Penha: - Socorro! Por favor. Paul quer me matar. Bateu meu carro e está vindo pra cima de mim. Socooooorro!!!

Acusado de 6 homicídios e 1 feminicídio, Paul Bocuse foi condenado a 210 anos. Consola-se lendo *O sol ainda brilha*, de Anthony Ray Hinton. História dos 30 anos que Ray, inocente, passou no corredor da morte, no Alabama. Paul, pelo menos, não estava condenado à morte.

Estuprado na penitenciária, suicidou-se. Na parede de sua cela, deixou escrito uma frase do livro que foi seu último companheiro: ***Não há um lugar mais triste para se estar no mundo do que um lugar onde não há esperança.***

2º LUGAR

SOLEDADE

Nize Maria Moreira dos Reis

-Escreve...

A voz vinha de longe, fraquinha, lá dos cafundós de si, onde ocultava entulhos de sonhos misturados à carniça de lembranças malcheirosas que vez em quando teimava em subir ao andar superior, revirando-lhe as vísceras. Fluía suave e úmida como a promessa dadivosa das águas imansas sob a fachada ressequida e deteriorada daquela constituição física a um tempo miúda e resistente que insistia em manter-se de pé chamada Soledad. Quando nascera, o pai, dado a misticismos e simbologias, queria que fosse batizada como Maria Lua Soledad, mas a mãe, mulher mais de terra que de lua, achou que era nome demais para uma criatura só carregar nas costas. Econômica, decretou: — Vai se chamar Soledad. Só! — E não haveria outro que lhe fosse mais apropriado, quer pelo significado, quer pela musicalidade líquida e luminosa que evocava: Soooleeeedaaaaad...

O chamado era mais uma insinuação do que uma ordem e foi envolvendo-a como um mantra, aumentando gradativamente ao longo do dia, a despeito das suas tentativas de abafá-lo sob os ruídos típicos das comezinhas e enfadonhas tarefas domésticas.

— Escreve...

Enfim, capturada, abandonou a panela mal areada e ainda com resquícios de detergente na pia. Enxugou as mãos rapidamente na saia do vestido, tirou um caderno de anotações da estante e abriu-o sobre a mesa desarrumada e tatuada pelos longos anos de uso e pouco cuidado. Acomodou-se em uma cadeira, posicionou a caneta entre os dedos, rabiscou umas duas frases curtas e, subi-

tamente tímida, hesitou. Sentiu a mais desconcertante vergonha de si. Primeiro, pela ousadia de supor-se talhada para a coisa. Segundo, por ter se acovardado antes mesmo de a caneta mal roçar o papel em branco. De onde tirara aquela ideia descabida?!

Vencida, abandonou o objeto perigoso para o qual não tinha licença de uso sobre o texto abortado, livrou-se dos óculos, pôs os cotovelos sobre a mesa e escondeu o rosto entre as palmas das mãos, escorrendo-as abertas para cima até os dedos penetrarem a raiz dos cabelos crespos e abundantes, desmanchando o penteado que os mantinha disciplinados. Quando menina, odiava sua estrutura armada. Queria tanto que fossem lisos e maleáveis como os da Ritinha da sexta série A! — Seu cabelo é uma coroa, Sol. — dissera-lhe certa vez uma professora, criatura um tanto aérea que deslizava pelos corredores da escola como um veleiro leve e aventureiro cujas velas eram longas e esvoaçantes saias adornadas de ideias coloridas e revolucionárias. E sorriu-lhe, livrando carinhosamente os cabelos da menina acanhada à sua frente do jugo opressor do elástico. E foi como se ventasse sobre Soledad... Ela sorriu-lhe de volta e passou a olhar com menos rancor o símbolo natural de majestade que trazia sobre a cabeça, ainda que nunca tivesse se sentido rainha.

— Besteira! Besteira! — Outra voz ecoava agora, fanha e desagradável, impondo-se sem a menor educação, agitando o curso d’água subterrâneo recém-descoberto dentro dela e roubando a cena. — Essa gente artista gosta de elogiar. Ele falou isso só pra fazer você se sentir bem... — disse-lhe, medindo-a de cima a baixo. — Você acredita em qualquer coisa que te digam, Soledad!

— E soltou um “tsc”, enquanto balançava a cabeça de um lado a outro e torcia a boca para a direita. Não satisfeito ainda, finalizou: — Besteira, menina!

Foi nocauteada no terceiro “besteira”. Não conseguiu proferir uma palavra sequer em sua legítima defesa. Do banco do carona, espantada, confusa, o rosto ardendo, fitava o companheiro, que agora a ignorava por completo, concentrado no intenso fluxo dos carros à sua frente, enquanto se recompunha sozinha o mais rápido que podia, mexendo nervosamente nos livros que trazia consigo numa tentativa atrapalhada de escapar daquele instante. A alma, que minutos antes exultava ao compartilhar os sucessos da tarde com o namorado, resvalou para algum lugar secreto dentro dela. Só o corpo ficara.

Recompôs-se. Fechou o caderno antes que o vexame atingisse proporções maiores e levantou-se sem a preocupação de arrumar a cadeira sob a mesa. Foi até a cozinha, alcançou a cafeteira italiana no armário, muniu-a de duas colheres generosas de pó e, assim que o som familiar da água em ebulição anunciou que a bebida estava pronta, serviu-se de uma caneca bem mais farta do que o recomendado pela insônia, sorvendo os goles amargos compassadamente, concentrando-se na fumaça que dançava lânguida entre si e as paredes da casa que assombrava. Quando foi mesmo que virara aquele fantasma?

O episódio do ator que disse que ela tinha talento para o teatro não foi a primeira vez, tampouco a última em que fora arremessada com força para longe do solo fértil dos seus sonhos, desejos e prazeres e refugiara-se dentro de si para não ser pisoteada pelo olhar duro do homem que dizia amá-la. Ocorria amiúde. Sempre que a elogiavam ou quando ousava discordar dele num ponto relevante. Havia também as roupas bonitas da moda que as moças da sua idade usavam e que “não combinavam” com o corpo de Soledad. A casa que nunca era um lugar “agradável o bastante para ele ficar” porque ela “não sabia ser mulher”. A lingerie que comprara para os momentos de intimidade entre ambos e que era “ridícula”, pois ele “não gostava daquilo”. O ato sexual cru. O gozo mesquinho e rápido do parceiro, que presto retirava-se de cima dela, deixan-

do-a só — ainda que menos sozinha do que na sua companhia — após cumprida sua função de trapo útil.

Os socos e pontapés atingiam-lhe pelas entrelinhas pontiagudas das frases azedas, sob o eco seco das referências depreciativas às suas inclinações políticas e filosóficas ou com os arremedos dos seus traços físicos. Nesse último quesito, o homem era um mestre. Parecia sentir um prazer especialmente mais intenso ao mimetizar os lábios de Soledad — os “beijos”, como ele dizia. O ritual odioso era cumprido sempre da mesma maneira: punha-se de lado e esticava o máximo que podia o lábio inferior, enquanto a olhava de esguelha, soltando em seguida um risinho zombeteiro e esganiçado. A torrente de lágrimas subia volumosa e veloz até seus meigos olhos, que, nessas ocasiões, sentia imensos, gigantes, tomavam-lhe todo o rosto, mas Soledad as represava. Chorar era pior. Ele franziria a testa, repetiria o gesto infame e habitual de entortar a boca para a direita e soltaria algo como: — Deixa de ser tola, Soledad! Não tem senso de humor! — E ela engolia aquele líquido quente e salgado que voltava do seu curso natural, envenenando-a silenciosamente, sempre que ele repetia a sua “brincadeira” preferida.

Soledad foi assassinada gradual e pontualmente. Sem marcas visíveis. Por isso mesmo, sem que lhe fosse dada oportunidade de gritar por socorro. Nem ela percebeu. Quando deu por si, era um fantasma adiado. Morrer aos poucos é mais cruel do que de uma vez porque a gente nunca sabe o quanto tem de viva e o quanto tem de defunta em si. É uma morte que não se morre... Uma vida que não se vive... Uma agonia que nunca se consuma.

Rememorou o dia em que ele chegou à porta da sala onde assistia a uma aula de teoria da literatura e fez gesto para que o encontrasse lá fora: — Achei essa flor sozinha enquanto vinha pra cá — disse-lhe o rapaz tímido e magrelo à sua frente com uma rosa pequenina e ordinária na mão direita estendida na direção de So-

ledad — e pensei que alguém especial como você pudesse fazer companhia pra ela... — Um farelo de carinho para uma alma desnutrida e errante é um banquete! Lambuzou-se com aquela porção de nada e, como pagamento, em profunda gratidão, entregou-lhe a vida. Ele fora obstinado. Primeiro, rondou-lhe, farejando e cobiçando suas terras inexploradas, seus promissores dons; em contínuo, conquistou-a com balangandãs vistosos e ordinários — cuidados minimamente esperados, passeios comuns, elogios óbvios... Depois, plantou bandeira para demarcar a propriedade recém-tomada, “apenas por cuidado”, pois “morreria se a perdesse”.

— Ingrata! Egoísta! Você só pensa em si, Soledad! — vociferava e choramingava ao mesmo tempo. Era o protocolo de todas as ocasiões em que ensaiava proclamar sua liberdade. Certa vez, chegou a acender uma vela e *performar* uma caminhada dramática da cozinha até a sala: — A vida, Soledad, é como a luz de uma vela... A qualquer momento pode se apagar... — E soprou sobre a chama vacilante com expressão indecifrável. Ela não sabia se a chama soprada era uma metáfora para a vida dele ou da sua. E também não ousou perguntar. Puxou as pernas com os braços, encolhendo-se no sofá num gesto automático de autoproteção e soluçou alto. Ele correu para ela e a tomou no colo. Entre a dúvida e o medo, deixou-se abraçar pelo homem de quem desejava fugir. No gesto aparentemente terno, havia mais de prisão do que de acolhimento; mais de tortura do que de carinho.

E assim foi por anos. Quantos? Ela nem se lembrava mais... Emparedou-a numa união que posteriormente veio a chamar de “namorico”. Colonizou-a. Espoliou cada porção fértil de sua alma e, após exaurida a última jazida, poluídas todas as águas, esgotados todos os recursos, seu “benfeitor”, ora robusto e altivo, deixou com desprezo o território arrasado, exibindo “sua” riqueza aos olhares de admiração e respeito dos demais, em paz com Deus e consigo por ter tentado salvar aquela terra pisada...

Mas restara-lhe uma nascente, um filetezinho d’água. Era de lá que vinha a voz, ora o sabia. E esse fio d’água, ao longo dos anos, foi crescendo em secreto, avolumou-se, ganhou corpo de rio e agora irrompia de dentro dela com a fúria avassaladora das enchentes:

— Escreve, Soledad, escreve!

Uma rajada de vento escancarou a janela da cozinha. Tomada de coragem e determinação, abandonou a caneca de café sobre a pia, voou para a mesa, abriu novamente o caderno, sacou da caneta e vingou-se: “Ele executou seu trabalho perverso e sujo sem deixar provas. Preferiu a sofisticada sutileza de mutilar, aos poucos e pontualmente, a alma da mulher que dizia amar...”

Escreveu por toda a madrugada, ao ritmo das águas que jorravam. Não vinham dos olhos, como de costume. Não dessa vez. Afluíam pelos seus dedos magros com violência, arrastando os rejeitos e entulhos que seu feitor lhe deixara.

No último parágrafo, à primeira luz dourada da aurora, banhada e fresca, cabelos livres, afogou seu agressor com um preciso e sereno ponto final.

3º LUGAR

APENAS MAIS UMA MULHER DO CAMPO

Érika Ribamar Madeira Furtado

Ela desatou o nó que amarrava a mensaba, entrou na cozinha cuidadosamente; tirou de dentro do vestido floral que estava usando, uma sacola plástica com um embrulho. Pegou um pedaço de vela que guardara sob o abano, ao lado do fogareiro de barro. Passou a mão sobre a mesa e encontrou uma caixa de fósforo com três ou quatro palitos; acendeu a vela. Sentiu o cheiro de fumaça de casca de coco babaçu que fizera ao final da tarde para espantar as muriçocas.

–Hoje num vai ter praga no pé do meu ouvido. –Falou baixinho.

Procurou um lugar seguro para esconder a sacola, olhou o jirau com a louça do jantar que deixara lavada para guardar no dia seguinte. No canto da cozinha, o cofo com a manceta e o manchado, os únicos bens materiais que possuía; seus confidentes e companheiros de batalha. Aproximou-se, pegou o cofo e depositou nele a sacola. –Aqui ninguém nem vai desconfiar. –Sorriu satisfeita.

Caminhou em direção ao quarto, olhou o abano no chão, resolveu ir pegá-lo. Mas, tropeçou na vassoura, derrubando o copo de alumínio que estava em cima da mesa. O chão que mais parecia cimento de tão duro, fez o barulho ecoar. Imediatamente ouviu uma voz irritada vindo do cômodo ao lado, o único quarto da casa simples de pau a pique.

–Quem tá aí? Fique sabendo que tô armado! –Ele chegou com uma faca afiada em uma das mãos; fisionomia fechada, rosto magro, cheio de marcas; vestido com uma bermuda quadriculada e

uma camisa de propaganda da última eleição, já bem desbotada. Ligou a luz da cozinha rapidamente e olhou a companheira a sua frente.

–Fazendo o quê acordada essa hora da noite, Duminga?! Tá pagando promessa com essa vela?-passou a mão no cabelo volumoso tentando alinhá-lo.

Assustada, ela buscou disfarçar, pois percebera a desconfiança do companheiro e, imediatamente, olhou para o jirau.–Ôh o tanto de panela aí. Tu sabe como vai ser a lida amanhã. Um mundaréu de serviço: arroz pra prantar, o azeite de coco que comadre encomendou semana passada...–contando nos dedos da mão–Vim logo foi guardar essas coisa.

Ele olhou desconfiado, coçou a barba que estava por fazer, já com alguns fios brancos–Como assim, Duminga? Tu te agasalhou cedo, junto dos pintos, que eu vi.

Jurava que dormia naquela rede, e quando me espanto passei a mão em riba dela e nem sinal de tu. Chego aqui, tu nesse vestido de sair, com o olhar de cabra arteira, dizendo que tava adiantando serviço... Tu me acha abestalhado, Duminga?

–Que isso, Raimundo!?!–Falou já colocando a vela sobre a mesa e pegando o pano de prato.

–Daqui esse pano, Duminga!–Aproximou-se dela –Deixa ver uma coisa...

Colocou a faca na cintura. Segurou-a pelo braço puxando-a, levou as mãos até a altura do seu ombro; passou o pano em volta do seu pescoço, deixando-a com os olhos marejados.–Então? Vai falar logo ou quer ver novamente do que sou capaz!?

–Contar o quê, Raimundo?–A voz embargada deixou as palavras quase incompreensíveis. Ele apertou suas bochechas carnudas com uma das mãos – Tu pensa que sou lé lé, mulher? Eu te

conheço faz tempo!

Ela fechou os olhos, que mais pareciam dois caroços de juçara maduros, de tão pretos. Desejou sumir com seus cinco filhos para bem longe. Por um instante, imaginou-se livre daquela mão grossa, cheia de calos que machucava seu rosto, e sem aquele pano sufocando-a. Mas, abriu os olhos e deparou-se com Raimundo a sua frente, com o mesmo cheiro de álcool e cigarro.

– Deixa disso, home... os pequeno vão acordar. – A respiração ofegante não escondia o medo, mas, encontrava força nos seus filhos que dormiam na sala.

Todos temiam o jeito violento do pai. Rita, a filha mais velha do casal, enxergava naquela figura ranzinza, o maior dos seus medos. Sempre que percebia a voz alterada no meio da noite, rezava a Salve Rainha que aprendera com mãe, com o intuito de protegê-la.

– Tá com medo dos filhinho saber a mãe sacana que tem, né!? – Empurrou-a sobre o jirau – Lerda! Olha só o que tu fez. – Apontando para as louças que caíram.

– Perdão. Deixa que eu junto isso, home. – Abaixou-se rapidamente.

Ele inclinou-se até ela, segurou-a pelos cabelos, como se ainda não estivesse satisfeito. – Tu te acha sabichona agora, né!? Só porque conhece as letra e eu nem desenhar meu nome num sei.

– Que isso, Raimundo!? Que conversa é essa? Eu só sei desenhar meu nome, só isso.

– Já sabe até demais da conta! – Alterando a voz – Na roça num precisa de letra, não. Isso é invenção dessa tua comadre. Besteira das grande! É duas tola, tu e ela, isso sim. Onde já se viu...!? – Solto uma gargalhada – tu, caboca da roça, quer saber das letra pra mode de quê? – Solto outra gargalhada, agora mais alta. – Tola! – Cuspiu em seu rosto e empurrou-a.

Ela abaixou-se ligeiramente e continuou pegando as louças no chão e colocando no jirau. Ele fitou-a com o olhar de reprovação. Logo formou-se inúmeras rugas ao redor dos seus olhos castanhos. Sentou-se no banco de madeira que estava próximo a mesa. Voltou o olhar novamente para a cozinha, como quem procurava algo. Avistou um saco com carvão, um balde velho cheio de gravetos e a lamparina próximos ao fogareiro.

–Tu tem sorte muita! Outro no meu lugar...ah... outro no meu lugar fazia besteira das grande contigo. O negócio é que eu gosto muito de tu.

–Eu sei... eu sei que tu é um home bom. – Falou com os lábios roxos e trêmulos. Desejou limpar o rosto, mas desistiu, pois ele reprovaria com mais violência.

–Tô cansado disso tudo e a culpa é tua!

–Perdão, marido. Prometo ser mais ligeira no pé. Nada de serviço até essas hora. Num vai mais acontecer. Prometo!

–Agora vi que tu é desavergonhada mermo... mente de cara lavada... só vendo mermo.

–Eu já disse, Raimundo. Eu tava aqui adiantando serviço. Num tô inventando coisa.

–E esse vestido aí? Agora é madame, é!? Num tem mais roupa de casa não!? – Aproximou-se fixando o olhar no vestido. Puxou-a pelo cabelo fazendo um movimento brusco para que ela levantasse. Tirou a faca da cintura, agarrou as duas alças do vestido e cortou-as. – Tá muito melhor assim, num acha!?

–Por que fez isso, home? Esse é meu único vestido de sair...– falou chorando.

–Deixa de besteira, tu só sai pro mato, Duminga! – Colocou a faca na cintura –Pra mode de quê tu vai querer vestido de sair? Vai

inventar de quebrar coco emperiquitada? Só o que falta... –Gargalhou e foi até a janela, tirou do bolso uma caixa de fósforo, pegou um cigarro que estava atrás da orelha, acendeu, colocou a caixa de fósforo novamente no bolso. Deu uma tragada. –Agora sim!

Caminhou pela cozinha, avistou o pote de barro coberto com uma toalha branca; mais acima uma prateleira com dois copos de alumínio; na cobertura da casa feita de palha de palmeira babaçu, marcas de fumaça, alguns embrulhos com sementes de vinagreira, quiabo e maxixe. No chão a vassoura feita de galhos de murta amarrados com cipó de escada de jabuti; na parede de barro, um calendário velho com a sagrada família.

O olhar de ambos seguia a mesma direção.

–Vamo dormir, home. –Falou tentando disfarçar o medo que estava sentindo. Sempre acreditou que o jeito violento do companheiro era apenas excesso de amor e proteção, pois fora ensinada a pensar assim.

Ela amarrou a alça do vestido, olhou para o cofo que estava no canto e percebeu que deixara parte da sacola à mostra, rapidamente virou-se para o companheiro. –Raimundo, já chega. Tu precisa descansar. –falou com o intuito de convencê-lo. Mas ele parecia insatisfeito.

–Por que a pressa, Duminga, esqueceu que tu tirou o meu sono com tuas escapulida no meio da noite!?

–Home, o sono já chegou. –Bocejou suavemente.

Ele percebera com o olhar apreensivo em direção ao cofo. –Tá com medo, Duminga? Eu nunca fiz nada pra tu, sabe disso!

–Medo? Não home. Medo de quê? Tô é com sono mermo.

–Pensei... Tu já espiou se tuas coisa tão em ordem pra amanhã?

–Já. Tudo nos conforme..

–Tem certeza? –caminhou até o cofo, tirou o manchado e a man-ceta e jogou no chão, por último tirou a sacola. –Que diacho é isto, Dominga? – Com a voz alterada. Rapidamente soltou o cofo e se-gurou somente a sacola; rasgou o embrulho e tirou uma cartilha do ABC.

–O que significa isso aqui, Dominga? –com a voz furiosa.

Ela ajoelhou-se aos pés do companheiro, chorando – Desculpa, Raimundo, desculpa ... Eu juro que num faço mais. Eu juro por Deus!

–Endoidou de vez, Dominga, foi!?

–Eu sempre sonhei com isso. Tu sabe que esse é meu maior so-nho da vida e nunca pude. Mas agora eu pensei que... –enxugou as lágrimas do rosto com o vestido – É que a comadre tá dando aula pro povo da comunidade lá no barracão. Fui ver como é. Eu juro que fui só ver. –soluçou – Até Zefinha já sabe falar as letra tudinha, home. Tava vistoso demais. Quando me dei conta, já tinha passa-do tempo, foi aí que comadre deu essa cartilha que tá segurando, com ela eu vou poder olhar as letra tudinha. Eu só botei ela no cofo porque sabia que num é do teu agrado essas coisa. Mas eu só que-ro fazer amizade com as letra, só isso, home.

–Cria é vergonha nessa tua cara, mulher. –empurrou-a sobre a mesa –vez de parecer uma santinha dizendo que tava olhando o povo aprendendo bobojada de letra. Que povo é esse, Dominga? Os macho da comunidade? Mulher de respeito num fica até essas hora na rua dando o que falar. Era isso, né? Fala a verdade. Era os macho que tu tava olhando. –Num fala isso, home. Tu conhece eu desde mulecota. Não sou disso –Num quer ouvir a verdade? Tu num presta, isso sim! Num vale nada!

–Para com isso. Os pequeno vão escutar. Se acalma...

–Por isso mermo eu falo! Vão crescer sabendo a mãe desnaturada que tem. Desnaturada e sacana!

Ela sempre vivera situações semelhantes com o companheiro. No início do relacionamento aconteciam com menos frequência, mas ultimamente, após expressar vontade de estudar, percebera que ele ficou ainda mais violento.

–Eu juro que eu num fiz nada de errado. Juro por Deus e por Nossa Senhora!

–Ah, tá... sei... eu mermo que num boto a mão no fogo não!

Sem pensar duas vezes, rasgou a cartilha, jogou dentro do fogareiro, derramou em cima o querosene que estava na lamparina, e por último atirou o cigarro nos pedaços de papéis, que rapidamente pegaram fogo.

–Tá vendo? Olhe bem. Pois eu queria mermo fazer isso era contigo; só pra tu aprender a me respeitar. Olha direitinho! Próxima vez tu já sabe... –jogou os gravetos do balde em cima do fogo. –E vamo se deitar que já passou da hora de dormir. –Foi para o quarto como se nada tivesse acontecido, como sempre fizera depois das brigas.

Naquela noite, Domingas ficou olhando os seus sonhos serem queimados. Calada, ameaçada e sozinha. Sentiu-se a mais infeliz entre as mulheres. Questionou-se em silêncio o que teria feito para merecer tamanho sofrimento, sem saber que tudo o que vivera era injustificável, não achou resposta, sempre fora uma boa filha, uma excelente mãe e uma companheira batalhadora. Não era possível que estivesse sozinha, mas cada lágrima espalhada em seu rosto; cada marca em seu corpo, afirmava que sim, o sentimento era esse, a dor era essa; fora ensinada a vida toda à sentir-se assim. Acreditava ser apenas mais uma mulher do campo, analfabeta, sem voz, sem vez, predestinada ao único destino possível: aquele que estava vivendo junto ao companheiro.

CRÔNICAS

CRÔNICAS

1º LUGAR

COMIGO É NO MUQUE

Luís Felipe Costa Cruz

Dona Silvana colocava sempre o cafezinho até a borda, quase derramando, no limite.

-Tá bom, tia! Assim não consigo por açúcar!

-Toma amargo, menino! É bem melhor! Açúcar dá sono!

Três anos na faculdade estudando Física, me perdendo em equações, varando as noites e os dias nos livros, lutando para não cochilar nas aulas, sonhando com o magistério... O que seria de mim se não fosse o café de dona Silvana!

-Tia, vi outro dia sua filha no shopping... A senhora não quer ser minha sogra, não?

-Te sai com teu bico fino pra lá, rapaz! Nem chega perto que comigo é no muque!

Todos riram. Provocávamos volta e meia dona Silvana, só para ouvir suas respostas, sempre cortantes, sempre engraçadas. Ela nos tratava assim, sem cerimônias. Por alguns, nutria verdadeiro carinho, dava conselhos, até trocava confidências. Eu era um desses felizardos. Não sei exatamente por quê, mas Dona Silvana gostava de mim. Raramente fechava a cara para os clientes – professores, alunos ou quem fosse –, mas acontecia.

Um dia, estávamos apenas nós dois, jogando conversa fora, quando chegou um sujeito: moço alto, sem barba, bem vestido. Era um dos novos docentes. Pediu café preto, pequeno.

-Acabou – disse dona Silvana.

O rapaz levantou as sobrancelhas, surpreso. Olhou para mim, voltou-se para a senhora, e, meio abraçado, saiu.

Ela então pegou a garrafa térmica e me serviu mais um copinho. Eu ri.

-Por que a senhora não quis vender pro homem, tia?

A vendedora apoiou o cotovelo esquerdo no balcão e disparou:

-Não gosto desse aí.

-É? E o que foi?

-Outro dia vi como ele tratava a esposa, ou namorada, o que fosse: sua mulher. Estavam dentro do carro, bem ali, meu filho, debaixo daquela árvore. Discutiam. No meio da conversa começou a gesticular. Ouvi uns gritos. A menina começou a chorar. Fui lá, mas antes que eu chegasse muito perto ele me viu e arrancou no carro, o covarde. A moça no outro dia veio tomar um cafezinho aqui, veja você. Conversamos. Eu disse: minha filha, se saia desse rapaz! Começa assim e termina na delegacia, vá por mim! Chorou muito, a coitadinha. Consolei como pude. Eu não vi mais os dois juntos, pelo menos. Agora me vem esse outro querendo café! Cínico!

Quando indignada, a boa senhora franzia o cenho, gesticulava e batia com o pano de prato nas coisas ao redor, espantando as moscas.

-Dona Silvana, olha o coração! Não se irrite tanto!

-Mas como não, meu filho? Deixa eu te contar uma história aqui: virei mãe cedo, com 16 anos. Esse que me emprenhou era só um “fica”, como vocês dizem hoje. Não tivemos nada sério. Escapuliu foi rápido, antes da minha primeira filha nascer. Não demorou muito, me engracei com outro. Casei, apaixonada, caidinha, caidinha... Me tratava a pão de ló, como se eu fosse uma rainha, o meu maridinho. Eu nem trabalhava. Isso no começo. Depois, não sei o que deu

nele, começou a se meter a besta. Um dia, chegou bêbado e me acordou, pedindo que eu esquentasse a comida... Três da manhã, ora e veja! Eu, exausta de embalar menina, pedi que me deixasse quieta. Gritei mesmo. O boçal veio e levantou a mão pra mim. Pra quê! Peguei uma vassoura, meu filho, e sai correndo atrás desse homem, primeiro pela casa, depois pela rua. Conseguir fugir e nem sei por onde dormiu. Nessa manhã, bem cedo, peguei minhas filhas e fui pra casa da minha irmã. No mesmo dia saí atrás de emprego. Uma semana depois o safado aparece, cheio das razões... Não passou nem do portão! Só mostrei a vassoura e disse: comigo é no muque, vagabundo! Saiu resmungando. Nunca mais vi. Criei minhas filhas só, batalhando, e sempre dando a lição: macho nenhum manda na gente e se levantarem a voz pra vocês, se saiam! A mulher é uma força da natureza que os homens sentem medo e querem colocar dentro dos seus bolsos, das suas caixinhas, mas é como querer guardar um furacão! O que seria do mundo se todas soubessem disso! Minhas filhas sabem, ensinei pelo exemplo, pelo trabalho. Nunca que um cidadão me desrespeitou e saiu impune! Hoje as meninas são meu orgulho, você sabe.

Eu sabia.

Continuei frequentando o quiosque de dona Silvana até terminar o curso. Antes de me mudar para outra cidade e começar o mestrado, passei lá para deixar-lhe um presente: uma imagem de Santa Bárbara, que sabia ser minha velha amiga devota. Despediu-se de mim dando conselhos e fazendo piadas.

Voltei muitos anos depois a essa universidade, para dar palestras. Fui onde dona Silvana, saudoso de seus cafezinhos. Não estava mais lá. Soube então que falecera, uns meses antes. Tomei meu café devagar, silenciosamente, pensando em todas as histórias que ouvira, nas tardes miúdas e cheias de acolhimento que passava conversando com a querida senhora...

Passou-se um tempo. Anos. Jantava, assistindo TV, quando exi-

biram a notícia de uma delegada exemplar, que liderava grande operação, já havendo prendido dezenas de criminosos, em sua maioria agressores de mulheres. Perguntada se tinha receio de represálias, respondeu:

-Nunca! Não tenho medo de nada, principalmente de homem! Minha mãe que dizia, quando era desrespeitada por algum metido a besta: minha filha, comigo é no muque! Não admito desaforo! Aprendi desde cedo a lição e passo pra frente, só que agora uso os músculos de um braço muito maior: o da Justiça!

O fruto realmente não cai muito longe da árvore! Tomei um gole de vinho e brindei à dona Silvana.

2º LUGAR

TUTORIAL DE CONFISSÕES

Carla Sílvia Souza da Rocha

Início confessando um desejo. Nunca li Santo Agostinho, porém confissões invadem minha mente quando começo algo. Minha educação religiosa entusiasma meus inícios. Ainda neste primeiro momento, preciso confessar que sempre quis ser famosa. “Blogueirinha”, Digital Influencer, “famosinha do Instagram” ou qualquer alcunha do tipo caberia no meu desejo até agora inconfesso. Mas não levo jeito para montar aquele look sensacional do post arrebatador de *likes* e comentários. Portanto, decidi investir na “arte” do momento: a primorosa técnica do tutorial. Confesso que pensei, de imediato, num tutorial de maquiagem. Prontamente imaginei novos seguidores, e dicas para aquela *make* em que “a mina pira” e faz sucesso no “rolê”. Logo, providenciei o aparato para o vídeo. Na lista de compras do *site*, tinha do tripé à iluminação, mas faltava o principal: a maquiagem.

Não sei o que faltou, se foi grana, coragem, ou ânimo para novas compras. Não sabia o que era mais assustador: o preço de cada item ou a variedade de produtos. Para cada parte do rosto, um tipo de *prime*: o próprio para as pálpebras e o específico para as “maçãs”. Não comprei nem o básico, sequer um batom. E, antes de seguir, devo confessar e antecipar que sou dada a ironias. Assim, não desista de prosseguir junto comigo. Venha!

Continuando minha narrativa, falei com uma amiga que complementa sua renda como maquiadora. Fui “cara de pau” e pedi sua maleta de pintura emprestada. Como ela perdeu parte da clientela com a pandemia, propôs que eu alugasse seu instrumento de trabalho e não titubeei. Já de posse do aparato necessário, confesso – minhas confissões realmente não se limitam ao início

–que eu não sabia o que fazer com todas aquelas cores do estojo. Mesmo assim enfiei a “cara na merda”, ou melhor, no blush, no pó e no rímel.

O resultado não poderia ser outro, olhos, bochechas, boca, tudo em minha face me fazia parecer um palhaço. Entristeci, nunca quis a fama na semelhança de um palhaço. Nada contra o honroso ofício de suscitar o riso, mas confesso, como sempre, o quão vergonhoso é reconhecer minha negligência quando sei que, na internet, já valorizei todo tipo de tema, e sigo ignorando a violência contra a mulher, tratando os *posts* alheios só como estatística ou os *stories* de mulheres violentadas como meras “sugestões de busca”. O rubor em minha face intensifica a maquiagem desastrosa, que só revela o meu deboche sobre mim mesma, quando ignoro um tema fundamental ao feminino.

Confesso que não tentarei outra make, e não pormenorizarei as palhaçadas suscitadas, porque a semelhança indesejada salvou-me de mim mesma, dos outros e, por conseguinte, salvou meu tutorial. Afinal, não é pequeno o risco da tirania do riso e sendo quem sou, professora na educação pública, com titulações em filosofia, uma pessoa dada a confissões e, sobretudo, mulher, posso ser presa fácil de gargalhadas impiedosas. Por isso sou a pessoa certa para fazer um tutorial de comportamento para mulheres em situações de risco, no contexto apocalíptico que reúne pandemia e hostilidade política.

Doravante tenho enfim o meu tutorial. Embora não saiba se, finalmente, ficarei famosa, seguirei com a primeira dica de comportamento: “Mulheres, não tenham hábitos estranhos!”. Não penso no costume criminoso de criar animais exóticos, como uma naja ou uma cuíca-d’água. Falo do hábito de tomar café na companhia de uma boa leitura numa livraria qualquer, que caracteriza uma mulher com um comportamento subversivo.

Segunda dica: “Mulheres, aprendam a mentir”. Você pode pre-

cisar de mentiras para proteger alguém e, acima de tudo, para proteger a si própria. Imagine que está numa cena de “Bastardos inglórios” ou numa página de “O diário de Anne Frank”, você saberia mentir frente ao perigo ou cairia no imperativo kantiano que veta o direito de mentir?

Deixemos tal pergunta para os iluministas, e sugiro a discussão sobre a mentira entre Kant e Constant à guisa de aprofundamento. Agora, proponho um exercício. Imagine que um amigo, muito querido em seu passado, apareça pedindo sua ajuda. E como você não lhe negou apoio, precisa repetir, desde então e com convicção, para o seu marido: “Eu não conheço Maurício Albatroz. Só ouvi os nomes Maurício e Albatroz reunidos num documentário sobre os hábitos de um albatroz nas ilhas Maurício”.

Próxima dica: saiba identificar situações de risco para ter um comportamento adequado em tais ocasiões. Mas, antes de prosseguir, como sou toda confessional, do início ao fim, devo confessar que a conexão oscila, dificultando a transmissão *on-line*. Ademais, está difícil continuar com o tutorial porque avisto, da janela mais próxima, uma viatura parada na minha rua. Complicado prosseguir sabendo que mais uma mulher foi agredida perto de mim e eu prossigo – confesso uma vez mais – fazendo palhaçada. Seria melhor ter aceitado a *make* de palhaço do que seguir de forma tão leviana, tratando de forma rasa, ainda que com a retórica necessária para diferentes ilusionismos (seriedade, intelectualidade etc.), um tema tão complexo e permeado de nuances. Eis que já posso fazer mais uma confissão, o que converte minhas tentativas de fama num autêntico tutorial de confissões, admito aqui que já posso abandonar minhas ironias, para as quais eu havia confessadamente alertado logo no início, e das quais fiz uso para mostrar, com chiste, como é possível tratar do tema da violência de forma nada profunda e pouco responsável.

Afinal, o tema da violência contra a mulher e, no caso, o tema

da violência doméstica, não podem ser ignorados por ninguém, muito menos por uma mulher. Também não pode ser tratado como propaganda oportunista de quem quer apenas se promover, sob o risco de perdermos credibilidade e profundidade no assunto. Discutir a violência doméstica requer sensibilidade à vulnerabilidade de muitas mulheres, intensificada com a pandemia. A violência doméstica requer estudos em diferentes áreas, psicologia, direito, sociologia, entre outras, para que possamos contribuir efetivamente para a retomada da liberdade e da dignidade das mulheres violentadas e para a punição/repressão do comportamento abusivo dos agressores. Pouco se precisa de um tutorial ou de “um dica” qualquer de quem não se compromete verdadeiramente com a defesa dos direitos da mulher, ainda que tal dica seja uma aula de economia sobre a saúde financeira da mulher dita independente, confundindo, por vezes, o abuso patrimonial e financeiro sofrido por uma mulher, em seu matrimônio, com a meritocracia capitalista.

Exige-se conhecimento sobre o que de fato versa a Lei Maria da Penha, que se tenha entendimento acerca dos diferentes tipos de violência doméstica, e que se tenha compreensão do perfil psicológico de uma mulher violentada, para que se possa agir adequadamente em sua acolhida. Demanda-se por muito além de postagens no mês de março, com maquiagem e roupa patrocinada, para homenagear mulheres, com um lembrete de carinho especial àquelas que sofrem violência doméstica. Os intuitos de autopromoção nas redes sociais conduzem a temática de maneira rasa e irresponsável, e até reforçam posturas machistas, nas quais as vítimas são transformadas em algozes.

Portanto, professo que vale lembrar aquele velho ditado: “muito ajuda quem não atrapalha!”. Frase basilar para meus sentimentos porque resume, de forma curta e grossa, minha revolta sempre que vejo *posts* e *stories* desqualificados para tratar de um tema tão importante, porque isso pode gerar um reforço negativo na

luta das mulheres de modo geral. Minhas ironias, no início desta crônica, não são outra coisa que revolta. E como este parágrafo final reforça a ideia de que escrevo confissões acerca do meu desconforto em algumas abordagens sobre o tema da violência doméstica, permito-me uma última revelação frente aos nomes de muitas “famosinhas do Instagram”, sejam elas realmente famosas ou aspirantes, que fazem uso da temática para autopromoção: “Por quantas vezes tive que ninar o meu sangue revoltado”. Dessa frase de Goethe, fiz um mantra para todas as vezes que sinto raiva de quem se promove em cima da dor de uma mulher

3º LUGAR

MARIA FIRMINA EM NOSSOS DIAS

José Augusto do Nascimento Filho

Dia desses fui impelido a resolver uma questão burocrática no Centro de São Luís, bem próximo da Praça Deodoro. Questão resolvida, o cenário da cidade antiga estimulou a demorar-me um pouco mais em um breve passeio até o Largo dos Amores, programa tornado tão raro pelas medidas de isolamento social.

Apreciei de longe, devidamente mascarado, a imponência e brancura da principal biblioteca maranhense, que por sinal já pedia nova demão de tinta. Na Rua Rio Branco, passei em frente ao Solar Maria Firmina dos Reis, espaço onde costumava encontrar pessoas dos movimentos culturais e de resistência. Contudo, convenci-me a não subir, contrariando o apelo sedutor da bela vista para a baía. Segui meu caminho. Já não ia só, pois me acompanhavam pensamentos sobre a mulher que inspirara o nome do Solar.

A escritora ludovicense nasceu em 1822 (já li em algumas fontes que o ano preciso é tema de controvérsia entre estudiosos) e morreu em 1917, em Guimarães, Baixada Maranhense. Se verificarmos, a pandemia da Covid-19, iniciada em 2020, marca posição cronológica de apenas um punhado de anos entre o centenário de morte e dois séculos do nascimento dessa admirável mulher, que iniciou em pleno regime escravocrata uma rica literatura feminina e emancipatória.

E se estivesse vivenciando nosso turbulento século 21? Diante de tanta panaceia em que se transformaram o planeta e a humanidade, que sobressaltos teria hoje Maria Firmina! Não obstante a invejável visão de mundo cultivada em mais de 90 anos de vida,

durante os quais testemunhou os rebuliços políticos e convulsões sociais do século 19 e início do 20, na efervescência intelectual de uma São Luís provinciana que sonhava em ser Atenas.

De fato, o terceiro milênio não está para brincadeira!

Certamente, Maria Firmina estaria muito incomodada (palavra no mínimo eufemística) ao observar o quanto as mulheres – mormente as negras, como ela – ainda são socialmente subjugadas e quão árdua continua sendo sua luta pela conquista de espaços e direitos. Que penoso seria perceber como os desmandos da sociedade patriarcal e o feminicídio (palavra que ela própria poderia ter cunhado) ainda são questões a serem resolvidas pela civilização.

Estudos têm sido profícuos em mostrar que a violência doméstica contra a mulher aumentou vertiginosamente durante o período de pandemia, em um cenário de escala mundial. As tensões e desgaste nas relações familiares, provocadas pelo convívio forçado e prolongado no ambiente de casa, pela dependência econômica e por outros fatores, redundaram em duras penas para as mulheres, historicamente as vítimas preferenciais das agressões. Físicas, sociais e emocionais. E pior: agora cerceadas, viram minugar as possibilidades de contarem com redes formais e informais de apoio.

Não fosse bastante, têm-se repetido os episódios atuais, noticiados reiteradamente, de mulheres mantidas por anos a fio em cativeiro, escravizadas em condições de degradação e isolamento nos rincões e nas cidades brasileiras. Situação que, estou certo, não deixa a dever ao que teríamos visto no contexto escravagista em que viveu a escritora. E ainda assistimos horrorizados, em não poucos países, a práticas medievais, e até mais arcaicas, como a mutilação genital de meninas.

O que Maria Firmina teria escrito sobre tal panorama em seu álbum, ou “livro da alma”? E seus registros haveriam de ter aderi-

do às plataformas digitais? Não pude deixar de sorrir – um sorriso oculto pela máscara descartável – ao imaginar possíveis perfis de Maria Firmina no *Instagram* e no *Facebook*, que certamente incomodariam muita gente. Posto que ela decididamente contribuiu com sua obra para o despertar de uma consciência revolucionária (para sua época e nossos dias, inclusive), estaria agora envolvida em um sem-número de causas: grupos majoritários que o discurso oficial cisma em rotular de “minorias”.

Mas, lamento, Maria Firmina dos Reis já não está entre nós viventes. Felizmente, sua herança literária, sim! Úrsula, Gupeva e a *Escrava* ecoam no tempo, e vejo florescer uma nova geração de artistas em diferentes linguagens, militantes e ativistas, *youtubers* e digital *influencers*, que reproduzem ideias de Firmina, ainda que nem tenham consciência do próprio feito. Que resistam e não se dobrem ao subjugo. Que previnam, denunciem e combatam toda forma de violência, com mãos dadas e punhos em riste.

Marias Firminas modernas, juntamente com Marias da Penha, Marielles Franco, e com todas que lutarem por um mundo mais justo e igualitário.

SOBRE OS AUTORES__

André Luiz Bentes Ferreira da Cruz

André Luiz Bentes é poeta, compositor e filósofo. Apaixonado pelas artes, encontrou na literatura a principal maneira de se expressar, mas busca estar sempre experimentando outras áreas, como o audiovisual, por exemplo. Criado por mãe solteira, aproveitou esta oportunidade para homenageá-la.

Carla Sílvia Souza da Rocha

Nascida em Macapá – AP, radicada no Maranhão desde 1986, membro da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil - MA, doutoranda em Filosofia (UFMG), mestra em Filosofia (UERJ), graduada em Filosofia (UFMA) e professora de Filosofia no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão. Participou de diversas coletâneas nacionais e internacionais, é coautora de *Toda Lida - O feminino entre similitudes e incompletudes* (Editora Penalux) e de *Conto entre versos – Do amor à solidão* (Helvetia Éditions)

Carlos Sebastião Silva Nina

Magistrado aposentado, foi Promotor de Justiça e atualmente é advogado. Fez teatro no Marista e escreveu poemas, na juventude, não divulgados. Aficionado em cinema e música. Ingressou no jornalismo em 1965, escrevendo e publicando centenas de artigos em jornais, revistas, blogs, sites de São Luís e outras capitais e cidades. Como editor, da Página da Juventude, do Jornal Pequeno, promoveu dois concursos de poesia, e, recentemente, 5

concursos anuais de textos, no Lítero Português. Autor de livros publicados na área do Direito. Atualmente é colunista do Jornal do Maranhão, da Arquidiocese de São Luís e presidente do Instituto Maranhense de Direito Comparado.

Membro fundador da Academia Maranhense de Letras Jurídicas e da Academia Brasileira Rotária de Letras, **Efeito Colateral foi seu segundo conto. O primeiro, quando jovem, foi sobre o Natal.** Para o conto premiado, inspirou-se num caso real, que o estimulou a contribuir para a campanha da CEMULHER do TJMA, alertando para injustiças que o uso indevido e abusivo da Lei Maria da Penha pode causar.

Débora Lima de Macedo Moura

Débora Lima de Macedo Moura nasceu em 22 de agosto de 2004, adolescente, natural do município de Buriti Bravo no Maranhão. Estudante do ensino médio no Centro de Ensino Professora Zuleica Santos, escreveu o poema “Trajetória”, selecionado para integrar a presente obra.

Érika Ribamar Madeira Furtado

Graduanda do curso de Pedagogia (UEMA), filha de Maria da Conceição da Luz Madeira e Manoel Elias Doria Furtado, lavradores aposentados. Natural da cidade de Monção-MA, residente há seis anos em São Luís. Apesar de ser a minha primeira publicação, a paixão pela escrita surgiu quando eu ainda era criança, ouvindo as histórias que o meu pai contava e lendo os poemas e contos que eu encontrava nos livros didáticos. Como eu não tinha acesso à biblioteca e os únicos livros disponíveis eram os didáticos, o meu pai comprava cadernos, eu desenhava uma capa e escrevia poemas neles, criando meus próprios livros. Portanto, escrever

surgiu como ato de enfrentamento e quebra de barreiras. Sempre escrevi poemas, “*apenas mais uma mulher do campo*” foi o primeiro conto. A inspiração surgiu da necessidade de retratar a mulher do campo, justamente por ter vivido maior parte da minha vida no meio rural e ter ouvido muitos relatos de mulheres que se sentiam invisíveis. Por tanto, o conto busca dar voz a essas mulheres que passam por situações de violência doméstica e familiar.

Estela Maria Dias Campos

Estela Maria Dias Campos nasceu em 07 de novembro de 2005, adolescente, natural do município de Dom Pedro no Maranhão. Estudante do ensino médio no Centro Educa Mais Ana Isabel Tavares, escreveu o poema “Ela”, selecionado para integrar a presente obra.

José Augusto do Nascimento Filho

“Augusto do Nascimento nasceu no Ceará, e há quase 13 anos fixou residência no Maranhão. Jornalista com passagem pelas redações dos jornais **O Povo** (Fortaleza) e **O Imparcial** (São Luís), atualmente trabalha na Assessoria de Comunicação do Instituto Federal do Maranhão (IFMA).

Tem trabalhos (contos e crônicas) publicados em coletâneas e antologias, algumas das quais frutos de concursos literários organizadas por instituições públicas e privadas. Colabora com o grupo independente **Pindaíba**, baseado no bairro Benfica (Fortaleza), que já organizou diversos eventos culturais e vem preparando a sexta edição da revista homônima.”

Júlia de Jesus Costa e Costa

Júlia de Jesus Costa e Costa, nascida no dia 10 de julho de 2004,

na cidade de Viana-Ma. Júlia é filha do empresário vianense Gilvan de Jesus Lindoso Costa e da professora de Língua Portuguesa, Gramática e Literatura, Josefa Andrea Costa e Costa. Atualmente, estuda na UP Dom Hamleto de Angelis, em Viana-Ma, na qual cursa seu terceiro e último ano do Ensino Médio.

Outrossim, Júlia Costa tem o sonho acadêmico de ser aprovada no vestibular para área de Medicina. Em conformidade a isso, a escrita sempre permeou sua vida e o seu coração, e se fez presente na vida da jovem, de forma ativa, desde os seus 13 anos de idade. Nesse âmbito, Júlia começou a escrever pequenos textos e poesias, prática que repercute até hoje em sua vida e é sem dúvidas aprovada por toda sua família, uma vez que eles compreendem a importância da escrita como arte em nossas vidas. Assim, os textos inspirados nas inúmeras realidades já contempladas pela autora, exploram uma dinâmica diferente: ao passo que fazem uma crítica e revelam as atrocidades que se manifestam atualmente, relativizam o gênero masculino como figura de ameaça e abrangem a forma como o homem pode mudar os âmbitos de violência doméstica na sociedade. Destarte, as obras publicadas para o concurso e as outras obras não publicadas, são de suma importância para realização pessoal de Júlia Costa, que deseja ir além com escrita.

Kailanny Mirelle do Desterro Silva

Sou Kailanny Mirelle do Desterro Silva, ludovicense, tenho 18 anos. Meu nome significa “filha da coragem”. É assim que sempre me senti: criada por 3 mulheres fortes. À minha mãe Kalenny e às minhas Marias eu agradeço pelo eterno amor e incentivo. Sinto-me honrada em ser finalista no meu primeiro concurso literário, cujo tema engloba a violência doméstica – realidade traumática vivida por tantas de nós. Sendo assim, “O nosso encorajar” aborda um caso de ciclo violento contra a mulher em um século passado.

Agressor não tem época ou classe social específica. Lígia implorou por respeito e todas as mulheres exigem também. Essa é uma luta coletiva.

Ao escrever, posso ser quem eu quero e também despejar meus próprios sentimentos, não só em papéis, mas também no bloco de notas do celular. A literatura me fascina. Amava criar textos e redações no Colégio O Bom Pastor – ambiente que iniciei e terminei a fase escolar. Concluí meu ensino médio no ano de 2020, porém, ainda em 2019, fui aprovada na primeira posição no curso Ciências Sociais da UEMA. Em junho de 2021, ingressei em Jornalismo na UFMA, onde fiz descobertas e construí amizades incríveis. No entanto, após ter sido aprovada em Direito na UEMA, senti que poderia efetivar o que mais valorizo: a justiça. Nenhuma mulher deve ser vítima de quaisquer violências. “O nosso encorajar” norteia a busca pela liberdade feminina.

Luís Felipe Costa Cruz

Tem 32 anos e nasceu em São Luís, Maranhão. Escreve desde sempre, sendo sua primeira atuação literária a roteirização de histórias em quadrinhos, ramo em que atuou profissionalmente dos 12 aos 15 anos. Seus trabalhos como quadrinista podem ser conferidos nos fanzines o Boca Suja (SP) Quadrarte (MA) e no livro “O monstro Souza”, de Bruno Azevedo.

Em 2009, publica seus textos em blogs esparsos, tais como o Versos Insensatos, ainda ativo.

O fazer literário de Felipe Costa Cruz se dá, também, através de canções, onde escreve tanto música quanto letra. Como compositor, Felipe Costa Cruz teve suas músicas executadas por vários artistas (Tiago Máci, Paulão, Betto Pereira, entre outros) e ganhou diversos prêmios importantes dentro e fora do Maranhão, podendo-se citar o Festival de Música de Imperatriz (1º Lugar com a mú-

sica “Aliciando”) e o Musicanto (RS), festival em que conquistou dois troféus com a música “Jerry”.

Em 2021, participa do I CONCURSO LITERÁRIO MARIA FIRMINA DOS REIS, sendo premiado nas categorias Crônica (1º Lugar) e Poesia (2º Lugar).

Mírya Alexandrina Silva Facuri

Meu nome é Mírya Alexandrina Silva Facuri, tenho 16 anos. Sou estudante da 2ª série do ensino médio e resido atualmente na cidade de Viana-MA. Desde pequena, sempre gostei muito de ler: comecei pelos quadrinhos da turma da Mônica e, todas as vezes que meus pais iam até São Luís, pedia que trouxessem uma dessas revistas. Logo depois, descobri a minha paixão pela escrita. Escrever para mim é uma das mais belas formas de compreender o mundo, olhando-o sob diversos ângulos, expressando o que passa despercebido; é tocar intimamente a alma de outras pessoas.

Eu já havia escrito poemas e outros gêneros textuais anteriormente, alguns até declamei na escola. Lembro que quando participei do concurso Maria Firmina dos Reis, uma das primeiras coisas que fiz, foi pesquisar a biografia da Maria Firmina. Ver a coragem e força de vontade dela foi em si uma inspiração muito ardente para a construção da minha crônica. A partir disso, fiz várias reflexões sobre o tema e as palavras foram surgindo naturalmente. Ter minha crônica entre as selecionadas foi uma experiência muito gratificante e emocionante.

Nayana Ferreira Silva

Nayana Ferreira Silva nasceu em Governador Nunes Freire, em 30 de setembro de 2003, e atualmente mora em São Luís do Maranhão. Recém-formada no Ensino Médio pelo IFMA, técnica

em Artes Visuais e vestibulanda, e também estudante do NAAH/S (Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação), na área de Literatura e Poesia.

Interessada por arte desde os oito anos, começou a escrever pequenas poesias e textos e a estudar História da Antiguidade aos onze anos, inspirada pelos livros de Clarisse Lispector e Rick Riordan. Teve sua primeira obra classificada no Prêmio Literário AMEI 2020 e publicada na coletânea Poetas Maranhenses, em 2021. Sobre as obras selecionadas nas categorias Conto e Crônica do I Concurso Literário Maria Firmina dos Reis, inspirou-se em relatos que ouviu de mulheres ao longo da vida e em livros com a mesma temática do concurso.

Nize Maria Moreira dos Reis

Menina tímida da Princesa do Sertão que devorava páginas e páginas acomodada nos galhos do pé de seriguela, lá no fundo do quintal, isolada do resto dos vivos. Aos 17 anos, desconfio de que atraída pelo canto de algum encantado, encasquetei de vir prestar vestibular em São Luís. Letras. Amasiei-me com a Ilha dos Mistérios. Aqui virei mulher e professora.

Sempre tomei minha relação com a escrita muito mais como um processo íntimo e de autoconhecimento do que propriamente literário. Foi somente com “Soledad” que arrisquei submeter um texto meu a um concurso. Devia isso à personagem, pela força que emerge da sua vulnerabilidade e pelo seu poder de ressurreição através palavra.

Pedro Oliveira Dutra Neto

Pedro Neto nasceu em Vitória do Mearim e, aos 7 anos, mudou-se para Arari, cidade em que vivenciou a sua juventude, de que

guarda auspiciosas recordações. Transferiu-se para São Luís, onde cursou o nível médio e posteriormente ingressou na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É professor de Geografia e se dedica com paixão à produção textual, tendo escrito livros, como *Recados ao tempo em folhas de vento*, *Dourando pílulas*, *Rafinha, o poetinha*, *Geohistória do Maranhão*, *O segredo da Montanha Azul*, entre outros. É membro da Academia Arariense de Letras, Artes e Ciências, da Academia Luminense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Arari e da União Brasileira de Escritores, seção do Maranhão.

Thaisa Soeiro Luz

Meu nome é Thaisa Soeiro da Luz e sou nativa do município de Barreirinhas, no qual passei boa parte de minha vida. Contudo, quando completei 14 anos, mudei-me para a capital, São Luís, em busca de melhores oportunidades de estudo. Atualmente, estou no último ano do curso Técnico em Química Integrado, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Monte Castelo.

É inegável que a literatura chama a minha atenção desde que me entendo por gente. Lembro-me de ter aprendido a ler muito cedo, graças à ajuda e ao incentivo de minha irmã e de minha mãe. Entretanto, eu creio que foi o meu pai o principal responsável por despertar meu amor pelas letras. Na verdade, tenho certeza de que foi as declamações que ele fazia de seus poemas favoritos para mim, todas as vezes que ia visitar-me, que me fez ter vontade de criar minha própria poesia. Portanto, apesar de tudo, agradeço aqui ao meu pai, o qual me fez perceber a beleza no ato de eternizar pensamentos e histórias em um papel.

SOBRE OS MEMBROS DA COMISSÃO JULGADORA DO I CONCURSO LITERÁRIO MARIA FIRMINA DOS REIS

Cleones Carvalho Cunha

Cleones Carvalho Cunha, nascido em 10 de fevereiro de 1958, na cidade de Tuntum, Estado do Maranhão, graduou-se bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão, em 1981. É desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão e presidente da Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar. Foi professor do Colégio Santa Teresa, em São Luís (MA); sub-diretor-geral da Secretaria do Tribunal de Justiça do Maranhão; chefe de gabinete da Presidência da Corte e diretor da Corregedoria Geral da Justiça. Aprovado em primeiro lugar em concurso do Ministério Público Estadual, foi promotor de Justiça da Comarca de Pindaré-Mirim, entre os anos de 1983 e 1984. Igualmente, logrou os primeiros lugares nos concursos para professor da Universidade Federal do Maranhão, em 1985 e, no ano seguinte, para o cargo de Juiz de Direito. Na magistratura, exerceu suas funções judicantes nas Comarcas de Vitorino Freire, São Bento, Coroatá e São Luís. Na capital, foi assessor da Presidência e membro do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão. Naquela Corte Eleitoral, foi corregedor regional Eleitoral, no período de 1993 a 1997. Em 1998, assumiu as funções de juiz-corregedor da Corregedoria Geral da Justiça. Foi promovido por merecimento, para o cargo de desembargador em 10 de novembro de 1999. É bacharel em Teologia pelo Instituto de Estudos Superiores do

Maranhão (IESMA)/ Faculdade Católica do Maranhão e Mestre em Direito Canônico pelo IPDC-RJ/Pontifícia Universidade Gregoriana e membro da Sociedade Brasileira de Canonistas e da Associação Portuguesa de Canonistas. É membro da Academia Maranhense de Letras Jurídicas (Cadeira 38), do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (Cadeira nº 25), da Academia Ludovicense de Letras (Cadeira 07) e da Academia Notarial e Registral do Maranhão (Cadeira 03). Foi diretor da Escola Superior da Magistratura do Maranhão (2005/20108) por dois biênios e Corregedor-Geral da Justiça no biênio 2012/2013. Exerceu, no Tribunal de Justiça do Maranhão, a função de supervisor-geral dos Juizados Especiais.

Foi Vice-Presidente e Presidente do Colégio de Presidentes dos Tribunais Regionais Eleitorais; Vice-Presidente do Colégio de Corregedores Eleitorais do Brasil; e Vice-Presidente da Região Nordeste do Conselho dos Tribunais de Justiça. Foi Juiz Auxiliar para Região Nordeste da Corregedoria Nacional de Justiça. Doutorando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Lateranense, foi Presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão (biênio 2016/2017). Foi Vice-Presidente e Corregedor do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão (biênio (2018/2019) e Presidente da Corte Eleitoral do Maranhão (biênio 2019/2020). Em 2018, foi homenageado com título de Doutor Honoris Causa em Direito pela Universidade norte-americana, Emill Brunner.

Dilercy Aragão Adler

Nasceu no Maranhão/Brasil, em 07/07/50. É Psicóloga, Doutora em Ciências Pedagógicas, Mestre em Educação, Especialização em Sociologia e Especialização em Metodologia da Pesquisa em Psicologia.

Publicou 17 livros (poesia, acadêmico, biográfico e história infantil) e organizou 12 Antologias.

É Membro Fundador e Presidente (Biênio 2016-2017) da Academia Ludovicense de Letras – ALL, ocupa a cadeira de nº 08 patroneada por Maria Firmina dos Reis, Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGM, Presidente da Sociedade de Cultura Latina do Brasil.-SCLB, Membro efetivo do Pen Clube do Brasil, Délégue Presidente do Institut Brésil-Suísse do São Luís do Maranhão e 2ª Diretora Cultural da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-Coordenadoria Maranhão, dentre outras no Academias e instituições culturais.

Lidiane Melo de Sousa

Possui graduação em Direito pela Universidade de Fortaleza(1998) e especialização em (Curso de Pós-Graduação Latu Sensu/ Especialização em Direito Constitucional) pela Unidade de Ensino Superior Dom Bosco(2006). Atualmente é Magistrada da Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão e mestranda do Programa de Pós-graduação em Direito e Instituições do Sistema de Justiça da UFMA.



4 DE NOVEMBRO DE 1813

TJMA
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO MARANHÃO



CEMULHER
Coordenação Estadual da Mulher em
Situação de Violência Doméstica e Familiar



EDIÇÕES
ESMAM